

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

PAULO BERGALLO RODRIGUES

É POSSÍVEL OBSERVAR SEM JULGAR?

A OBSERVAÇÃO DA CRIANÇA NA ESCOLA WALDORF,
A FENOMENOLOGIA GOETHIANA E A AUTOEDUCAÇÃO

PORTO ALEGRE

2018

PAULO BERGALLO RODRIGUES

É POSSÍVEL OBSERVAR SEM JULGAR?
A OBSERVAÇÃO DA CRIANÇA NA ESCOLA WALDORF,
A FENOMENOLOGIA GOETHIANA E A AUTOEDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

ORIENTADORA: Carmen Lucia Bezerra Machado

2018

Índice

Índice.....	3
Agradecimentos.....	4
Introdução.....	6
0.0 – Brincando com as palavras.....	9
1 - A pedagogia de Rudolf Steiner.....	9
1.1 - Rudolf Steiner.....	9
1.2 - As bases Antroposóficas.....	11
1.2.1 - A quadrimembração.....	12
1.2.2 - A trimembração.....	14
1.2.3 - A biografia humana.....	16
1.3 - A Arte da educação.....	19
1.4 - Uma educação para a liberdade.....	21
2 - Fenomenologia de Goethe.....	23
2.1 - Observação fenomenológica.....	28
2.1.1 - A experiência pura (corpo).....	28
2.1.2 – Intelectuar e criar imagem (alma).....	29
2.1.3 – Idear (espírito).....	30
3 - A Observação da Criança.....	32
3.1 - Aspectos gerais da avaliação na escola Waldorf.....	32
3.2 - Olhar e observar.....	34
3.3 - A Observação da Criança.....	35
3.3.1 - Admiração.....	36
3.3.2 - Proteção e veneração.....	37
3.3.3 - Entusiasmo.....	40
3.3.4 - Gratidão.....	41
3.4 - Uma metodologia possível.....	41
4 - Reflexão.....	44
4.1 - O trabalho interno do observador.....	46
4.2 - Em busca de coerência.....	47
Bibliografia.....	50

Agradecimentos

“Yo no tengo triunfos. Lo único que tengo son caminos andados, caminos sentidos, caminos transitados con la esperanza, con dolor, con ganas de acercarme en comunicación a los otros seres humanos y ver en qué grado la vida les regala la luz o la sombra que los ampara, o que los condena, o que disfrutan. Ese es el asunto, no el triunfo.”

(Atahualpa Yupanqui)

Este Trabalho de conclusão de Curso (TCC) é o encerramento de um ciclo, e foi tecido em meio a experiências de vida e crescimento, afastamentos e aproximações, e me possibilita refletir sobre minhas buscas e parceiros nessa caminhada. Agradeço, com respeito e admiração ao grande mistério de nossa existência, por todas as minhas relações e aos mestres que me inspiram na busca pela autoeducação.

Aos meus laços sanguíneos que vieram antes de mim – Marta, Tucha, Lilá, Iara, José, Raul, além dos tios e das tias, e demais antepassados que seguem vivos em minha existência –, agradeço pelo terreno fértil que me foi preparado! Aos que vieram junto comigo – Lucas, Martina, Marcos, Bernardo, Verônica, Beba, Mariana, Flávia, Felipe, Bruno, Pedro, Maria Eduarda, Betina, João Henrique, Matias, Vinícius e Olívia – e despertaram em mim o desejo de estar sempre envolto nesta energia criadora da infância. À Joana, que chegou em meio ao processo de escrita, para dar alento e alegria de seguir neste caminho, e aos que estão por vir: este é mais um passo para recebê-los.

Agradeço aos mestres que encontrei em salas de aula e nos corredores da vida, à minha orientadora e alentadora durante a faculdade: Carmen Machado. Aos queridos Mauro Pozatti, Rose, Luciana Marques, Malvina, Peter, Luizão, Guerrinha, João Mariano, Gabi, Cibi, Amanda, Taynara, Lucas Carboni e os colegas do DAFE. Luciano Bedin, Dóris Fiss, Dani Noal, Liliane Giordani, Magali Menezes, Cida Bergamaschi, Johannes Doll... Vocês todos despertam em mim a coragem para atuar no mundo.

Em especial, agradeço à Katia, que me apresentou a Andressa, que juntou com a Vic e com a Marcella, a Ana, a Fernanda, o Filipe, o Victor, e mais um monte de gente pra

fazer um grupo potente dentro Faculdade de Educação da UFRGS. Graças a vocês eu acessei essa energia criadora na parte mais desafiadora da graduação.

Agradeço às escolas e espaços não escolares nos quais pude aprender e me inspirar: EMEI Vila Monte Cristo, Escola Porto Alegre, Escola Caminho do Meio, EMEF Rui Barbosa, Cidade Escola Ayni, Instituto de Permacultura Na'lu'um, Pomar de infância Timbaúva e Associação de Pedagogia de Emergência.

Em especial às escolas Waldorf Querência e Candeia, aos pais e professores que constroem estas escolas com grande coragem, e aos alunos que tanto nos ensinam.

Por todos os processos que passei, sou grato pelas relações que me fizeram crescer e buscar sempre evoluir. Em especial a Josi, minha companheira nesta jornada de autodesenvolvimento.

Introdução

A autoeducação como prática de liberdade

"Não há, basicamente, em nenhum nível, uma educação que não seja a autoeducação. [...] Toda educação é autoeducação e nós, como professores e educadores, somos, em realidade, apenas o ambiente da criança educando-se a si própria. Devemos criar o mais propício ambiente para que a criança eduque-se junto a nós, da maneira como ela precisa educar-se por meio de seu destino interior."

(Rudolf Steiner)

Conhecer a si próprio é um dos grandes enigmas que acompanham o ser humano ao longo de sua existência. Quem eu sou? Por que estou aqui hoje? O que posso realizar? Qual caminho devo seguir? O que é ser livre? São perguntas que não exigem uma resposta pronta, mas impulsionam a busca.

Lembro-me perfeitamente, quando eu tinha 10 anos, após a morte de dois familiares em menos de um mês, busquei no quarto de minha avó a imagem da santa e me ajoelhei para cobrar uma resposta: Por que minhas bisavós precisavam morrer, as duas em menos de um mês?

Sem respostas, a vida seguiu, eu realizei meus estudos em escola católica, fiz a primeira comunhão e acompanhei os passos religiosos que minha mãe e minha família me estimularam. Encontrei dentro da igreja católica um sentimento de pertencimento e união com uma energia superior, que eu não necessitava explicar, apenas sentir.

Nos 10 anos seguintes nasceram 10 primos na família, eu entrei na adolescência, compreendi um pouco mais de história e passei a ter outra visão da igreja católica. Precisei romper o laço de união com a igreja para me sentir livre de alguns dogmas que eu nem sabia possuir. Mesmo assim, seguia sentindo esse laço de união com uma energia universal. Querendo fugir da igreja, comecei a sentir esta energia nas minhas relações, em templos e terreiros, e mesmo em jogos de futebol, lá estava esta energia.

Compreendi que esta fluidez não era exclusividade da igreja, e aos poucos descobri-me livre para escolher onde eu gostaria de me conectar. Dentro desta busca encontrei pessoas que me despertaram sentimentos, pensamentos e ações, que tornaram meu caminho mais consciente, por isso mais livre! Desejei estar em contato com o meu corpo, e minha vida propiciou práticas de yoga, bicicleta e corrida. Desejei estar em contato com meus sentimentos, realizei terapias, ressignifiquei sentimentos e pude me ver mais consciente em minhas relações. Nesta época eu trabalhava com edição de vídeos jornalísticos e publicitários, percebendo que não estava produzindo o suficiente para alimentar minha alma.

Aos 21 anos, consciente de que ainda não havia encontrado a minha área de interesse para atuar no mundo, recebi um pequeno peteleco da vida. Em um acidente perfeito, recebi de presente uma fratura na coluna que interrompeu os movimentos de meus membros inferiores. No mesmo instante em que percebi o efeito da lesão, recebi uma mensagem muito clara (que neste momento chamarei apenas de intuição): "Fica tranquilo que em dois anos vai estar tudo bem!".

Seguiram-se dois anos de grandes mudanças: passei a morar na casa de minha avó, realizei intensa visita a médicos, fisioterapia, viagens e terapias complementares. Minha vida pregressa ficou suspensa e eu recebi um grande presente: tempo para me redescobrir. Dois anos se passaram e eu estava fisicamente bem, já caminhava com auxílio de muletas, voltei a estudar comunicação social, trabalhava em uma empresa multinacional e tinha boas relações sociais: as pessoas queriam me escutar, saber das minhas experiências e eu comecei a sentir a responsabilidade que era ser escutado. Mas percebia que ainda não estava satisfeito com a minha atuação no mundo.

Por convite de um grande amigo iniciei um caminho em busca de mim mesmo dentro de um grupo de homens chamado Guerreiros do Coração. Ali dei muitos passos ao buscar minha inteireza com maior empenho, pude encontrar os mesmos anseios que os meus, em outros rostos. Tive a oportunidade de agradecer meus pais e meus avós por todas as suas presenças e faltas, da mesma forma que me alegrei ao perceber que o acidente me deixou mais próximo de meus primos mais novos, e que agora eu precisaria me preparar para ser uma referência para as próximas gerações. Percebi que minha ação

no mundo deveria estar vinculada ao desenvolvimento sadio principalmente das crianças, mas também dos adultos à minha volta.

Senti-me totalmente livre ao partir de uma inspiração interior e tomar a decisão de mudar o rumo de minha vida, assumindo os riscos e as incertezas. A partir deste momento, foi necessário reorganizar minha vida para estar em contato com a minha busca diariamente. No ano de 2012 percebi que gostaria de trabalhar com educação, e pesquisei cursos de pedagogias alternativas em Porto Alegre. No ano de 2013 iniciei o curso de pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) concomitante ao curso básico de pedagogia Waldorf. No mesmo ano minha tia matriculou dois de meus primos mais novos na Escola Waldorf Querência.¹ Por alguns anos precisei equilibrar o estudo da universidade, ao qual eu já estava acostumado de experiências anteriores, com o tatear de uma nova visão de mundo proveniente da pedagogia de Rudolf Steiner. Mundos completamente distintos, que em diversas vezes se tornam antagônicos, e entre os quais eu desejei tecer relações.

Conforme aponta Gisele Helena Espírito Santo: "O ensino Waldorf, apesar de já estar sendo desenvolvido em muitas escolas pelo Brasil há mais de 50 anos, ainda não é muito conhecido no espaço acadêmico, tendo carregado diversos mitos acerca de sua atuação tão peculiar." (2016, p. 9). E quem sou eu, um graduando em pedagogia, com apenas alguns anos de experiência dentro pedagogia Waldorf, para legitimar sua visão dentro da academia? Em verdade meu desejo sempre foi realizar as minhas práticas inspirado na pedagogia Waldorf e possibilitar aos colegas e a outros interessados, um pouco de compreensão e experimentação sobre esta prática.

A metodologia escolhida para este trabalho é a pesquisa bibliográfica como base para a reflexão sobre as minhas próprias experiências. Através das leituras e das reflexões busco a consciência da minha prática, para dar mais alguns passos em meu caminho de autoeducação. Através da escrita, pretendo compartilhar os frutos colhidos por meio de uma linguagem em parte acadêmica, em parte livre, atento para não escorregar para um academicismo afastado da prática.

¹ Primeira escola Waldorf de ensino fundamental no RS, fundada em 2005 a Escola Waldorf Querência (EWQ) funciona na zona sul de Porto Alegre.

Escrever e falar sobre a Arte da Educação fundada por Rudolf Steiner dentro da academia é um desafio, não apenas pela profundidade com que esta compreende o ser humano integral, mas também por seu conteúdo estar fundamentado em práticas cognitivas, artísticas e volitivas, visão muito diferente do tecnicismo tão presente e difundido dentro das instituições de ensino superior.

0.0 – Brincando com as palavras

Entretanto é preciso ressaltar que a academia ainda tenta respirar. É espaço de práticas e conhecimentos diversos, professores tão distintos, proferindo seus versos. Alguns excepcionalmente sabidos, prestigiados e prolixos, mas quando não são atendidos, soltam todos os seus bichos! Por outro lado encontram-se alguns sábios, dançando e desviando entre patos. Sobreviver em meio aos egos inflados, exige prêmio não por acaso. Mas a recompensa sempre vem, quando reconhecemos nossas ações, repercutindo em outro alguém.

Assim eu tomei coragem, para me comunicar através de imagens, em um lugar cheio de egos, cegos e surdos, apresentarei no meu trabalho de conclusão de curso algumas das bases para esta pedagogia, para aqueles que estiverem em sinergia descreverei com amor e esperança, especialmente a prática de Observação da Criança.

1 - A pedagogia de Rudolf Steiner

A intenção deste capítulo é reunir as informações básicas sobre a pedagogia Waldorf e sobre a Antroposofia, base filosófica espiritual que fundamenta a prática destas escolas. Para que se possa, então, compreender como se estrutura a Observação da Criança.

1.1 - Rudolf Steiner

Rudolf Steiner (1861 – 1925) nasceu em Kraljevec, cidade que fazia parte do antigo império austríaco (atualmente Croácia). Proveniente de família humilde, foi instruído pelo próprio pai em casa, e logo cedo tornou-se autodidata. Frequentou a

escola técnica em Viena estudando com dedicação, destacou-se por seu empenho e por ensinar aos colegas. Complementou seus estudos universitários com estudos filosóficos, literários e de História geral.

Aos 21 anos foi convidado para reeditar os escritos científicos de Goethe na Biblioteca Nacional Alemã. Ao aprofundar-se nas ciências naturais desenvolvidas por Goethe, Steiner encontrou as bases do pensamento que ele próprio já percorria em suas experiências; em oposição às teorias científicas da época, que concebiam a natureza como um mecanismo frio e sem alma, composto apenas de matéria em movimento, Goethe percebia o mundo natural como uma unidade viva e orgânica, permeada de espírito. Assim Steiner identificou na gnosiologia goethiana uma metodologia científica que ele mesmo já experimentava por si, e a partir de então, sistematizou um método científico para que ele mesmo pudesse ter certeza que suas experiências supressensoriais eram verdadeiras, e que mais pessoas pudessem se aproximar de tais experiências. Este trabalho está publicado no livro *O método cognitivo de Goethe: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana*. Em 1891 tornou-se doutor em filosofia.

Trabalhou entre 1899 e 1904 na Escola de Formação para Operários em Berlim fundada por Wilhelm Liebknecht. Em 1902 começou a divulgar suas experiências e estudos esotéricos do homem como conferencista da sociedade Teosófica, entidade fundada por Helena Blavatsky, Henry Olcott e outros, e que tinha entre seus objetivos, investigar as leis não explicadas da natureza e os poderes latentes do homem, além do estudo comparado de religiões, filosofia e ciências, sem distinguir credo, raça ou religião. A Sociedade Teosófica apoia-se no lema *Não há religião superior à verdade*. Steiner tornou-se o secretário geral da Sociedade Teosófica na Alemanha, pela qual atuou até o ano de 1913, ano em que se desligou por desacordo com a denominação de um novo cristo. Fundou a sociedade Antroposófica, dando segmento aos seus estudos científicos sobre o ser humano, de forma aberta, para que qualquer pessoa interessada possa desenvolver-se para acessar tais conhecimentos.

No contexto pós-primeira guerra mundial em que foi criada a pedagogia Waldorf, Steiner já havia percebido que os acontecimentos políticos estavam diretamente ligados à estrutura social e, caso não houvesse uma mudança significativa na educação anímica do ser humano, nossos sentimentos seguiriam sendo educados para alimentar nossos desejos mais básicos, gerando novas guerras e a ordem social seguiria abalada. Com conhecimento sobre as leis que regiam a realidade político-econômico-social daquele

período, impulsionado pelos questionamentos do empresário Emil Molt (1876 – 1936), Steiner propôs então uma alternativa de organização social, a qual deu o nome de “Trimembração do organismo social”. Nessa proposta, “o trabalhador deve conhecer muito bem o propósito de seu trabalho, e dessa maneira, ter uma relação mais humana com ele” (Marasca 2013), a fim de compreender seu papel social e sua relação com o restante da sociedade.

Após convite de Emil Molt, que na época era diretor da fábrica de cigarros Waldorf-Astória, Rudolf Steiner realizou uma palestra sobre a Trimembração do organismo social para os trabalhadores da fábrica na cidade de Frankfurt (Alemanha). Após a palestra, os próprios funcionários pediram que fosse fundada uma escola com os preceitos trazidos por Steiner, para atender aos filhos dos trabalhadores, mas também que fosse aberta para qualquer criança da comunidade, independente de sua procedência, capacidade, religião e raça.

A partir de uma fábrica de cigarros, surge uma escola que busca a saúde em seus mais diversos âmbitos. Para além da saúde, de educar com a visão de desenvolver seres humanos íntegros e plenos de suas capacidades, a primeira *escola Waldorf Livre* também tinha entre suas funções praticar a autogestão e a coeducação social.

1.2 - As bases Antroposóficas

‘Antroposofia’ é uma palavra de origem grega que significa “conhecimento do ser humano”, e esse movimento coloca-se como um caminho que amplia a compreensão do ser humano e do universo. É um conhecimento que não deve servir para satisfazer as curiosidades cognitivas ou espirituais de poucos membros de uma sociedade secreta; ao contrário, a Antroposofia existe como conhecimento prático para ser aplicada na vida. Caso não seja assim, não haveria motivo para existir.

A base da Antroposofia é a vida e suas metamorfoses. O ser humano encontra-se inserido no ritmo da natureza cósmica, sendo influenciado pelos astros (de forma mais evidente nos ciclos da lua). O todo sempre está contido de alguma forma nas partes, e as partes no todo. Assim, existe em cada elemento, uma parte do cosmos, e no cosmos uma parte do indivíduo. Os mistérios que envolvem a complexidade das manifestações da natureza estão vivos e atuam através de forças ocultas para os olhos destreinados, mas, segundo Steiner, podem ser percebidos através do conhecimento que cada ser humano for capaz de desenvolver.

Segundo Steiner:

A Antroposofia é um caminho de conhecimento que deseja levar o espiritual da entidade humana para o espiritual do universo. Ela aparece no ser humano como uma necessidade do coração e do sentimento, e deve encontrar sua justificativa no fato de poder proporcionar a satisfação dessa necessidade. A Antroposofia só pode ser reconhecida por uma pessoa que nela encontra aquilo que, a partir de sua sensibilidade, deve buscar. Portanto, somente podem ser antropósofos pessoas que sentem como uma necessidade de vida certas perguntas sobre a essência do ser humano e do universo, assim como se sente fome e sede. (STEINER *apud* Setzer, 1998, s.p.).

Nunca é demais esclarecer que a palavra espiritual, neste contexto, não se refere a nenhuma crença, muito menos religião. A proposta de Steiner é justamente que o ser humano acesse o mundo espiritual por meio do desenvolvimento de suas próprias percepções, sem nenhum dogma ou entidade intermediária.

A partir desta ciência, foram desenvolvidas ações práticas de ampliação do conhecimento nas mais diversas áreas. Assim, nasceram a pedagogia Waldorf, a Medicina Antroposófica, a Agricultura Biodinâmica, a Eúritmia, a Arquitetura Antroposófica, as terapias complementares (Terapia Artística, Massagem Rítmica, Quirofonética, Desvendar da voz...) e outras áreas ampliadas pela Antroposofia.

A seguir irei apresentar alguns dos conceitos centrais da Antroposofia.

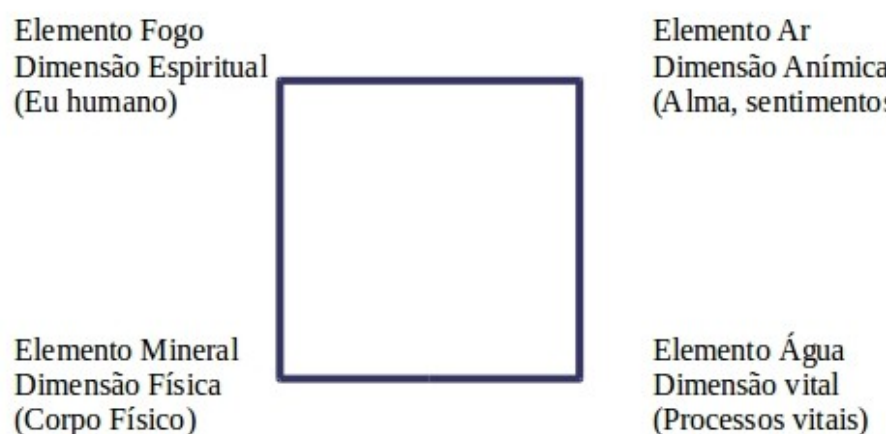
1.2.1 - A quadrimembração

Steiner sistematizou o método científico de Goethe ao reconhecer a existência de três mundos: o mundo inorgânico, o mundo orgânico e o mundo da consciência. Sendo o mundo orgânico dividido em dois tipos fundamentais: tipo vegetal e tipo animal. Conforme apontam Luz e Wenceslau (2012, p. 98):

Se nos mundos mais complexos se encontram os princípios dos mundos menos complexos ou inferiores, encontrar-se-ão no homem os princípios formativos do mundo inorgânico, do mundo orgânico vegetal, do mundo orgânico animal e do mundo da consciência.

Assim Steiner reconhece no homem quatro corpos ou organizações. A primeira é a organização física, com base mineral, que responde às mesmas leis da natureza física. A segunda é a organização vital ou etérica, que “responde pelos fenômenos vitais humanos como crescimento, reprodução, formação orgânica, e por uma tendência que evita a degradação do organismo humano” (id. 2012, p,98), assim como as plantas. A terceira é a organização anímica, ou astral, que traz a capacidade de perceber e relacionar-se com o mundo, assim como os animais. A quarta é a organização do Eu, “que agrega às qualidades anteriores a autoconsciência, a capacidade de, além de perceber o mundo, perceber a si mesmo, e não apenas interagir, mas agir com autonomia, como automanifestação, em liberdade” (Steiner *apud* ,Luz e Wenceslau, 2012, p. 98).

Figura 1: Quadrimembração



Bergallo Rodrigues, Paulo. 2018.

Assim, Steiner apresenta a complexificação da matéria até possibilitar ao ser humano as capacidades de autoconsciência e de individuação que, segundo ele, nenhum outro animal é capaz de acessar no mesmo nível.

Essas afirmações podem, e devem, ser questionadas por grande parte das pessoas, mas não tenho como objetivo convencer ninguém. Portanto, sugiro que tomem estas palavras como imagens e, se tiverem interesse, reflitam sobre a possibilidade de um mundo que nós ainda não temos acesso, mas que talvez um dia possamos acessar.

1.2.2 - A trimembração

Rudolf Steiner apresentou também a ideia de uma 'trimembração do organismo humano', segundo a qual o homem possui em diversos âmbitos dois polos opostos e complementares, e entre eles, surge o movimento rítmico de equilíbrio de forças.

Assim podemos relacionar:

Figura 2: Trimembração



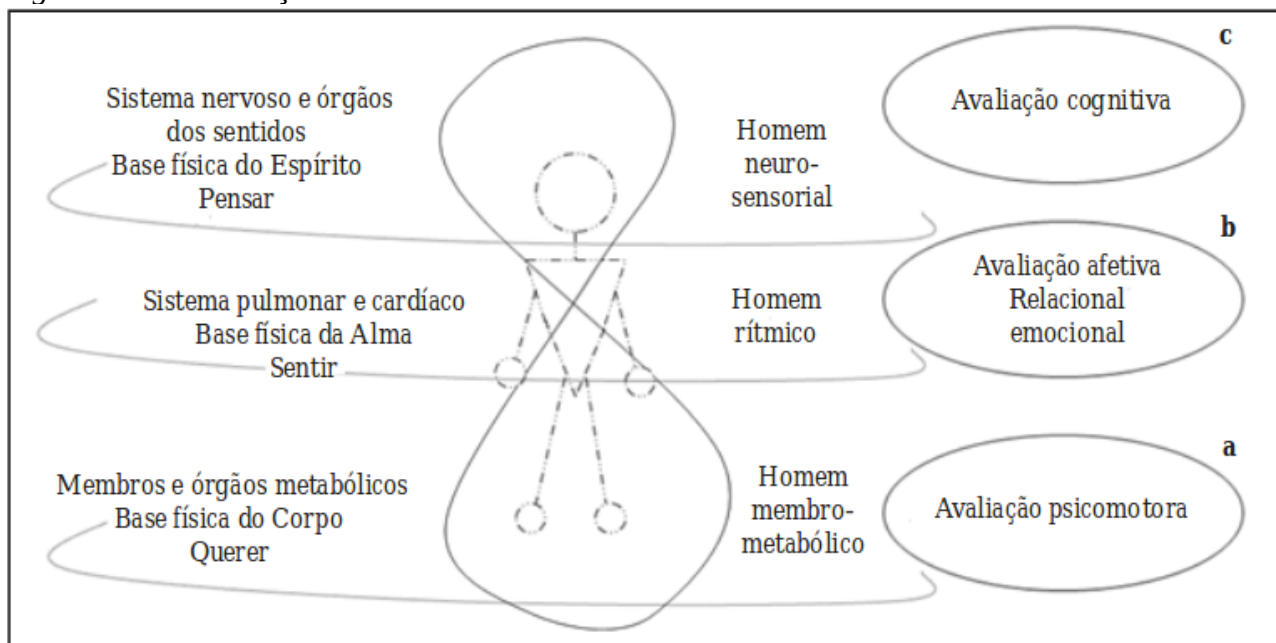
Bergallo Rodrigues. 2018.

Este conceito é a base para compreensão do ser humano saudável, capaz de alternar de forma equilibrada entre os polos, desenvolvendo o seu potencial humano em sua complexidade. A escola Waldorf trabalha na busca constante deste equilíbrio de forças para que cada aluno possa desenvolver-se tanto no âmbito cognitivo (pensar), quanto no âmbito da vontade (fazer), levando em consideração que dos 7 aos 14 anos, vivemos intensamente no âmbito do sentir, e tudo que está relacionado aos sentimentos desperta mais profundamente o nosso interesse, por isso a arte está presente em todos os aprendizados (sentir).

O homem é plenamente consciente em seu pensar e em suas observações sensoriais. Rudolf Steiner chama esse sistema de neurossensorial, ensinando que ele está centrado na cabeça, muito embora o corpo todo possua percepções sensoriais. O polo oposto é constituído pelas funções completamente inconscientes do metabolismo e da vontade traduzida em movimentos (o homem tem a representação clara dos motivos e do resultado almejado de um ato de vontade; mas o 'funcionamento' e a realização do impulso volitivo lhe são completamente ocultos). Esse outro polo constitui o sistema do metabolismo e dos membros. Ele atua em todo o corpo, mas seu centro está no abdome e nos membros. (LANZ, 1997, p. 37)

Por meio de uma representação gráfica é possível visualizar melhor o desenvolvimento integral do ser humano trimembrado.

Figura 3: Trimembração



Casanova dos Santos. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v31n3/v31n3a20.pdf>. Acesso em 24/05/2018.

Reconhecer o ser humano composto por estes três âmbitos é saber que necessitamos desenvolver a vontade e a capacidade de sentir, assim como desenvolvemos o cognitivo. Segundo Bach *et al*

A ênfase no âmbito volitivo desvia o ensino da abstração pura, o aprendiz recebe um cunho prático e fortalecedor da dimensão interna do ser humano. A realidade, assim, é o palco de uma crítica produtiva, de uma verificação ou comprovação pautada pela construção da experiência própria. (2013, p. 171)

Cada âmbito está mais presente em determinada fase da vida, por isso é importante apontar que não estamos negando a necessidade de trabalhar o âmbito cognitivo, apenas percebemos que existe uma fase da vida que favorece o desenvolvimento desta capacidade, e que esta precisa ser equilibrada com as demais.

1.2.3 - A biografia humana

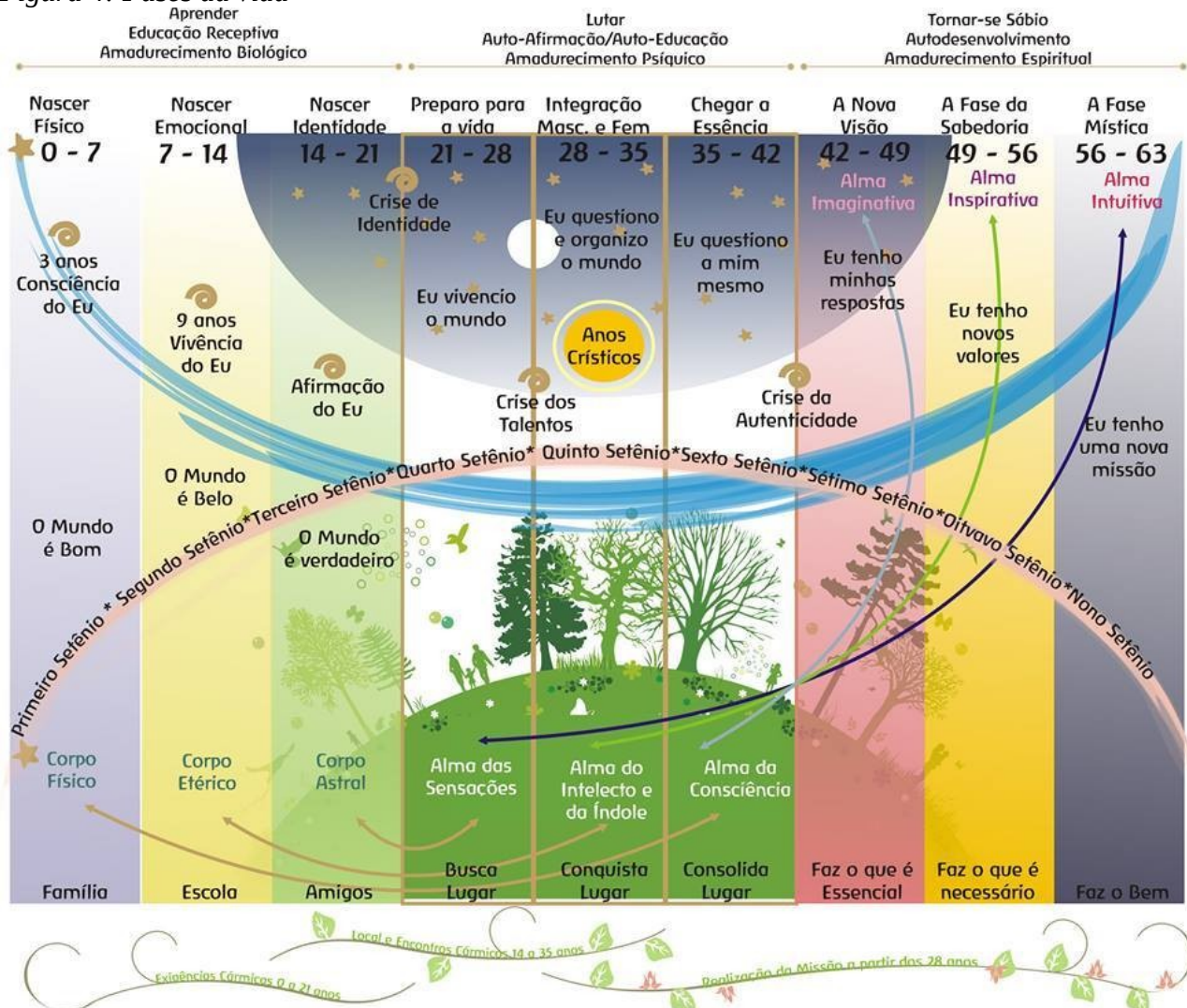
Desde antes do nascimento, o desenvolvimento humano ocorre através dos ritmos. Após cerca de nove lunações, o ser humano nasce (muitas vezes influenciado pela mudança da lua); assim que inspira pela primeira vez, continua alternando entre inspiração e expiração até soltar o ar pela última vez ao fim de sua vida. Entre as polaridades inspiração e expiração, realizamos um ritmo. Da mesma forma, alternamos entre sono e vigília, entre os dois é possível sonhar. O ciclo feminino está diretamente relacionado ao ciclo lunar, marcando também as fases da vida de uma mulher, que costuma ser fértil desde a puberdade até a menopausa.

Além desses ciclos tão claros e óbvios, podemos perceber outros tantos que precisam ser estudados com maior esforço, mas que também são perceptíveis. Através das fases da vida é possível identificar a relação dos ritmos humanos e sua relação com o ritmo dos astros. Esta é a base do estudo biográfico, na qual Steiner encontrou um arquétipo de desenvolvimento do ser humano, que pode ser potencializado de acordo com a educação e com a consciência dos ciclos e seus ritmos.

Nessa visão é possível dividir a vida do ser humano em setênios, cada qual um passo para que o ser humano “nasça” mais um pouco e desenvolva a sua missão. É possível perceber um ritmo de nascimentos no qual o todo está presente tanto no micro quanto no macro, assim nascem e se desenvolvem os corpos físico, vital, astral e Eu. Identificar estas possibilidades de desenvolvimento da vida, auxilia o processo que cada um de nós passa, trazendo sentido e a compreensão de que cada vivência e as crises servem para potencializar o desenvolvimento de nosso ser.

Para a tarefa do professor Waldorf, a compreensão da biografia humana é essencial, uma vez que o desenvolvimento humano na infância e na juventude, potencializa ou atrasa o desenvolvimento futuro. Neste ponto é interessante descrever um pouco melhor os três primeiros setênios, quando a criança está completando o desenvolvimento de seus quatro corpos da seguinte forma:

Figura 4: Fases da vida



Costa, Cecília. 2017. Disponível em <https://sermentelivre.com.br/2017/10/02/compreendendo-as-fases-da-vida/>. Acesso em 24/05/2018.

No primeiro setênio (0 - 7 anos), a criança está desenvolvendo seu corpo vital. Durante este período a família é a principal referência, ao oferecer o seu próprio corpo vital para a criança, ou seja: a família estabelece ritmos saudáveis para a criança crescer saudável. Alimento, sono, higiene, tempo para brincar... é através da rotina que a criança sente-se protegida. Assim ela terá o espaço para crescer com a certeza de que **o mundo é bom** e seguro a sua volta. Algumas pessoas pensam que a criança deve ter 'liberdade' para decidir muitas coisas desde cedo, entretanto esta visão pode gerar ansiedade para a criança pequena que ainda nem domina o seu próprio corpo e seus ritmos vitais.

A liberdade começa quando possibilitamos espaço para a criança desenvolver suas próprias habilidades de acordo com as suas capacidades. Sempre que fazemos algo que a criança já é capaz por si, estamos podando o seu crescimento físico e emocional.

Como exemplo colocar a criança em um andador ou vesti-la quando ela já é capaz de vestir-se sozinha, tornam a criança dependente de algo ou alguém, prejudicando ou atrasando a aquisição de certas habilidades. Mais saudável que pedir que ela defina o seu cardápio semanal, é pedir que ela arrume sua cama, vista-se e lave sua louça. O principal alimento da criança neste momento são ritmos que possibilitem o seu crescimento sadio. Principalmente nesta fase a criança aprende pela imitação do modelo dos adultos que estão a sua volta.

No segundo setênio (7 - 14 anos), a criança desenvolve seu corpo anímico, através do mundo que lhe é apresentado pelos adultos. Aos poucos se tornam capazes de regular seus próprios ritmos, e sentem-se alimentados pelos sentimentos dos adultos a sua volta, percebendo que **o mundo é belo**. Ao longo da troca da dentição é possível perceber que a criança aumenta consideravelmente sua capacidade de memorizar histórias e eventos, e torna-se mais interessada em escutar os adultos e realizar atividades orientadas. A vivência das histórias movimenta seu mundo interior e a auxilia a compreender seus próprios sentimentos. O principal alimento da criança, nesta fase, é o convívio com a comunidade próxima (escola, amigos, grupos pequenos) e a criança anseia por encontrar a beleza no mundo, através da arte, brincadeiras ritmadas e desafios.

No terceiro setênio (14 - 21 anos), o jovem desenvolve a sua individualidade (Eu), colocando toda e qualquer autoridade na berlinda. Neste ponto o jovem torna-se adulto através do amadurecimento social, percebendo que **o mundo é verdadeiro**. As capacidades de emitir julgamentos objetivos e agir eticamente só estão maduras para serem exercitadas neste momento. É apenas através da metamorfose das fases anteriores de amadurecimento que o homem pode atingir a sua plenitude. Quanto melhor desenvolvermos as capacidades físicas e anímicas, maior segurança os jovens terão para questionar os adultos e emitir um julgamento realmente autônomo. Caso antecipemos o despertar do julgamento, corremos o risco de incutir o nosso próprio julgamento na criança que ainda não está madura para julgar por si, e desta forma se limitará a receber julgamentos externos, diminuindo sua capacidade de discernimento. O principal alimento dos jovens nessa fase é o mundo externo ao contexto familiar (amizades que guiam), experiências longe da família e o questionamento de toda e qualquer autoridade, em busca de uma autoridade interna coerente.

1.3 - A Arte da educação

Fundamentada nos conhecimentos filosóficos-espirituais da Antroposofia, a pedagogia proposta por Rudolf Steiner ampara-se na profunda compreensão dos processos naturais e dos diversos ritmos da vida. Dessa forma, a escola, assim como o ser humano, é vista como um organismo vivo, no qual o caminho a ser percorrido pela comunidade escolar, deve ser a busca por ritmos e relações saudáveis. Conforme aponta Marasca, a pedagogia Waldorf:

(...) se concentra no conhecimento integral do ser humano e seu desenvolvimento físico, anímico e espiritual, respeitando-se sua prontidão, seus ritmos, tendo como pano de fundo o cuidado para não se dissociarem as qualidades do pensar, sentir e querer, trabalhados como processos integralizadores no cotidiano dessas escolas. (2017, p. 98).

O professor tem como objetivo primordial, compreender a natureza da criança que está a sua frente, suas fases de desenvolvimento e caminhos possíveis para, através de seu interesse, encontrar meios para o aperfeiçoamento de suas faculdades anímicas, mentais e morais, atingindo a capacidade de dominar-se e, então, acessar a sua essência livre. Assim sendo, não existe pedagogia que possa ser reproduzida de forma mecânica e preconcebida! **A pedagogia só se torna possível e viva quando o próprio educador é capaz de, através do autodesenvolvimento, aproximar-se da turma que está a sua frente e, através de sua capacidade artística, servir para a turma o alimento ideal para o paladar de seus alunos, usando os temperos que somente ele próprio dispõe.**

Steiner aponta que determinados filósofos e especialistas teorizam pedagogias da especialização precoce e acumulação de informações por meio de materiais didáticos prontos, ignorando todas as especificidades de cada turma e sem compreender a fundo os ritmos de desenvolvimento do ser humano. Segundo ele, professores que sejam grandes conhecedores em determinada área, mas que não dominem a arte da educação, acabam tornando-se alvo de piadas e ironias por parte das crianças, não por acaso. Qual deveria ser o sentimento da criança quando nós, como educadores, não percebemos onde estão as suas forças anímicas e desejamos despertar nelas o interesse de algo que não existe nem mesmo dentro de nós? Assim como apontam Bach *et al*:

Ensinar, na Pedagogia Waldorf, tem por orientação a busca individual por uma identidade sempre em construção no ato pedagógico. Esse ideal não encontra

comparação em qualquer entendimento que espera por uma formatação ou padronização da ação pedagógica.(2013, p. 169).

Assim como o artista precisa acessar a essência do que pretende representar, é necessário ao educador aproximar-se da essência de sua turma, dos processos de vida de cada aluno e estabelecer uma relação humana com eles. Por valorizar as relações humanas acima da pura aquisição de conhecimentos é que para praticar a pedagogia proposta por Steiner não basta aplicar uma série de métodos para atingir objetivos padronizados. Nesse ponto, torna-se essencial o desenvolvimento da fantasia no mundo interno do educador para tornar-se capaz de acessar o mundo da criança, no ponto em que ela está mais próxima de assimilar:

Steiner enfatiza e estimula a aplicação da fantasia na prática pedagógica. A fantasia é o elemento vivificador do ensino, o contraponto venturo necessário para o foco entusiasmador no presente, pois ela é a manifestação da vontade. O ensino com fantasia é um ensino com a presença de força criativa. (Idem, 2013. p. 170).

Cada grupo de alunos necessita de uma metodologia própria, e cada educador precisa utilizar as suas habilidades e capacidades para compreender a turma e propor atividades. Por esse motivo também é que o professor de classe tem como meta acompanhar os alunos durante todo o ensino fundamental. O ideal é que o professor leve os alunos do 1º ao 8º ano, sendo mais importante a figura de um professor referência que procura conhecer profundamente seus alunos, suas famílias e histórias de vida do que muitos professores que conhece apenas os conteúdos, mas que se dividem entre mais de 100 alunos diferentes por ano. Podemos comparar a tarefa do professor de classe com o maquinista ou o capitão de um barco, aquele que assume a responsabilidade por zelar e conduzir a turma.

Para realizar esta tarefa, além do conhecimento teórico-prático, o professor necessita trilhar o seu próprio caminho da autoeducação. Este é um caminho individual, único e livre: cada professor deve buscar por si, através de sua própria disciplina, seus estudos e práticas que o possibilitem estar em frente às crianças por um interesse genuíno. Qualquer motivo de escolha da profissão de professor que não seja o verdadeiro interesse pelo outro, transparece para as crianças e é por elas apreendido.

A ênfase sobre a autoeducação deve-se à mútua dependência entre a qualidade da interação interpessoal (docente e alunos) com a qualidade da relação intrapessoal (docente consigo mesmo). A profundidade ontológica dessa interação expressa-se na conscientização dos professores Waldorf de que a educação dos alunos se realiza pelo ser do professor, “a diferença principal atuante no ensino decorre da atitude mental do professor em todo o tempo de sua existência, atitude que ele leva para a aula” (Idem, 2013. p. 169, apud STEINER, 1995, p.26).

A liberdade trilhada pelo professor serve como exemplo e combustível para que a criança desenvolva a sua própria liberdade. Ao reconhecer a pessoa livre que está em sua frente por sua própria vontade, o aluno não precisará escutar nenhum discurso cognitivo sobre liberdade, pois ele já pode observá-la nos seres a sua volta.

1.4 - Uma educação para a liberdade

“Não é livre quem não obteve
o domínio sobre si mesmo.”

(Pitágoras)

Os distintos conceitos de liberdade disputados na atualidade são tão variados quanto a quantidade de peixes no mar. Por isso, faz-se importante trazer aqui o conceito de liberdade que estamos falando.

Steiner tem como um de seus temas primordiais a liberdade, sendo uma de suas principais obras o livro *Filosofia da liberdade*, ao qual eu ainda não me detive. Entretanto, através do contato com outras obras do autor, e artigos sobre a filosofia em Steiner, posso apontar alguns pontos essenciais para compreender a liberdade. Segundo Bach,

Para explorar a questão da liberdade, Steiner estabelece em seus fundamentos uma investigação da existência, ou não, de uma forma de conhecimento seguro onde a vontade, livre de determinismos, possa se expressar. Antes de tudo, apresenta dois questionamentos: se existe algum ponto de apoio para a certeza no conhecer e se o ser humano pode considerar sua liberdade uma possível realidade ou somente ilusão. O caminho para responder a essas questões é um método de observação do ser humano que não redunde em acúmulo de informação para a memória, que não faz sentido se for apreendido somente de maneira teórica. Este método de observação, para ser trilhado, requer um compromisso autêntico de quem o perscruta, de manter ativas as duas perguntas e de resolvê-las por atividade própria. (2012. p. 15).

Reconhecendo a liberdade como uma capacidade humana, vinculada a uma busca interior de autoconhecimento, autodomínio e autocapacitação, faz-se necessário remover do caminho os possíveis entraves que nos bloqueiam tal acesso. Sendo assim, o professor deve movimentar-se para auxiliar seus alunos no desenvolvimento de seus instrumentos físicos e anímicos, para que possam, por si próprios, acessar e desenvolver seus espíritos.

Para cumprir o objetivo de desenvolver seres humanos livres, a pedagogia proposta por Rudolf Steiner se debruça tanto na liberdade individual, quanto na liberdade social. No âmbito individual, busca-se desenvolver capacidades físicas e anímicas para que o ser humano se desenvolva de forma saudável. No âmbito social, a escola é o organismo vivo que precisa ser cuidado para desenvolver-se, servindo como exercício social para crianças, pais, professores e sociedade.

Neste espaço, os adultos envolvem-se com a gestão escolar, livre de intervenções externas à escola, sejam investidores com interesses financeiros, seja o estado. Por meio de um individualismo ético, o ser humano é capaz de estruturar relações saudáveis, e atuar de forma realmente livre.

A forma que Steiner (2005, p. 57) encontrou para expressar a liberdade na educação foi "ensino vivo". Esta é a meta da Pedagogia Waldorf. Permeiar as relações com o conhecimento através de um processo vitalizador. O desafio das escolas ou professores Waldorf é tornar esse ideal uma realidade em sala de aula. (...) A liberdade precisa ser criada e na educação isso significa uma pedagogia da presença da individualidade. Como projeto, não existe como dado ou especulação, só como presentificação. (idem, 2013, p. 173).

Assim, busquei expor, de forma sintética, alguns conceitos basais que fundamentam a pedagogia Waldorf, longe de encerrá-los.

2 - Fenomenologia de Goethe

“Tem paciência com tudo não resolvido em teu coração e tenta amar as perguntas em ti, como se fossem quartos trancados ou livros escritos em idioma estrangeiro. Não pesquises em busca de respostas que não te podem ser dadas, porque tu não as podes viver, e trata-se de viver tudo. Vive as grandes perguntas agora. Talvez, num dia longínquo, sem o perceberes, te familiarizes com a resposta.”

(Rainer Maria Rilke)

Neste capítulo descrevo alguns conceitos-chave da ciência praticada por Goethe e suas bases para a pedagogia de Rudolf Steiner.

Conforme aponta Goethe em seu ensaio *O experimento como mediador do objeto* (GOETHE, 2012), o ser humano percebe os objetos relacionando consigo mesmo, uma vez que seu destino depende de que estes lhe causem atração ou repulsão, apresentem utilidade ou risco, causem agrado ou desagrado. Essa forma de julgar os objetos² é um fato totalmente compreensível e necessário para a sobrevivência – um homem que não julgue um alimento podre como algo prejudicial, corre risco de envenenar-se. Entretanto, essa forma de percepção ‘fácil’ através do julgamento do observador o expõe ao risco de enganar-se com frequência, pois se limita à compreensão do objeto a sua relação com os nossos sentimentos.

Tarefa muito mais árdua enfrenta aquele que busca pesquisar e investigar o mundo a sua volta, percebendo seus sentimentos a respeito, mas deixando-os de lado para buscar a essência de cada objeto. Segundo Goethe, nós devemos observar “como seres indiferentes e meio divinos, aquilo que é – e não aquilo que agrada.” (*Ibidem*. p. 55). Assim o pesquisador natural deve abrir mão de suas inclinações, agrados e desagradados, para investigar as relações do objeto com o restante do mundo a sua volta. “Quanto mais prosseguimos nessas observações, quanto mais conectamos objetos uns aos outros, mais exercitamos o dom da observação existente em nós.” (*Ibidem*. p.56)

É preciso então, ser o mais rigoroso crítico de si mesmo e reconhecer o risco quando a confiança for demasiada mesmo nos esforços mais diligentes. Da mesma

2 O termo *objeto* é utilizado para objetos inorgânicos, plantas, animais e seres humanos. Por ser um termo utilizado na tradução, seguirei o mesmo, deixando claro que não estou objetificando pessoas, animais e plantas.

forma, é preciso saber que as exigências, sejam internas ou externas, dificilmente são plenamente atingidas, mas não devem nos impedir de realizar o maior esforço possível. Que as experiências têm a maior influência sobre as teorias, ninguém negará, da mesma forma que as *forças anímicas* estão envolvidas em todo o processo das experiências. Seja na observação, ordenação, compreensão, desenvolvimento... em todos os âmbitos nossos sentimentos estão envolvidos, e podem aguçar nossos sentidos, despertar interesse, fazer-nos caminhar mais depressa para sair das limitações.

Caso consideremos válido repetir experiências propositalmente, chamamos isso de experimento. Mas mesmo que o experimento seja de grande valia, ele só adquire valor quando se conecta com outros experimentos. Ao buscar confirmar as hipóteses por meio de experimentos é importante não tirar conclusões precipitadas. Segundo Goethe:

(...) é na transição da experiência para o juízo, do conhecimento para a aplicação, que todos os inimigos interiores da pessoa ficam na emboscada, como num desfiladeiro: a imaginação, a impaciência, a precipitação, a autocomplacência, a rigidez, a forma de pensar, a opinião preconcebida, a comodidade, a negligência, a volubilidade, e seja lá como se possa chamar toda a tropa com seu séquito – todos estão na retaguarda e assaltam de improviso tanto o ativo cidadão do mundo quanto o observador tranquilo, aparentemente salvo de qualquer paixão. (2012. p. 60).

Nessa citação, é preciso ressaltar a qualidade inquestionável do autor em conduzir a nossa imaginação de acordo com a essência do fenômeno, representando um fenômeno abstrato através de imagens que preenchem a nossa alma. O ser humano só se satisfaz com o objeto (físico ou abstrato) quando é capaz de representá-lo mentalmente. Assim, buscamos constantemente respostas para todos os objetos aos quais nos aproximamos.

É bastante claro que na natureza viva, não existe um fenômeno que não esteja em conexão com o todo, e o dever do cientista é investigar cuidadosamente os fenômenos que estão diretamente ligados a este. Uma experiência encontra-se sempre mais próxima de algumas do que de outras, o cientista que consegue observar e reconhecer tais fenômenos identifica o ponto de ligação entre todos esses experimentos, captando diversas perspectivas da mesma experiência. A esta Goethe dá o nome de *experiência de ordem superior*, e a aponta como o dever supremo do cientista.

Após se debruçar sobre os fenômenos de forma diligente, observando e calculando, o cientista perceberá que suas demonstrações se tornam, cada vez mais,

exposições e recapitulações do que argumentos em busca de convencimento. Tendo-se, porém, realizado diversas experiências de ordem superior, é desejável permitir que as forças do intelecto e da imaginação se exercitem através de suas relações, e daí surgem as mais improváveis conexões entre elas, que somente a capacidade intuitiva do ser humano é capaz de produzir.

Ressalto a importância do que foi escrito: realizar experiências de ordem superior, aplicar as forças da imaginação e do intelecto, para então permitir que a capacidade intuitiva do ser humano atue sobre o que foi percebido: esta é essência da ciência goethiana.

Esta ciência de observação e compreensão dos fenômenos desenvolvida por Goethe foi aperfeiçoada e praticada ao longo de sua vida. O cientista, artista e escritor não buscava em sua ciência uma metodologia que fosse aplicável por qualquer acadêmico, Goethe se embrenhava na natureza em busca da essência das coisas e, para isso, realizava o caminho recém descrito. Por este motivo a sua metodologia não foi totalmente explicitada por ele próprio. Existem, sim, alguns escritos isolados, nos quais o autor apresenta alguns de seus conceitos fundamentais. No entanto, somente por meio de outros pensadores que uma metodologia para a fenomenologia goethiana foi descrita. A caracterização de ciência fenomenológica nem poderia ter sido feita por Goethe, uma vez que a fenomenologia só foi descrita posteriormente.

A fenomenologia é um processo aberto de abordagem da realidade que não formata, não padroniza sua dinâmica reflexiva. Não existe somente uma fenomenologia, depois de Husserl outros filósofos desenvolveram suas fenomenologias (Heidegger, Merleau-Ponty, Gadamer...). Neste sentido, podemos falar de uma fenomenologia de Goethe, compreendendo-a como uma fenomenologia da natureza propriamente dita (BACH, 2015. p. 60).

Conforme relata Bach em seus escritos, "um dos aspectos que caracteriza seu método como fenomenológico é sua atenção à intencionalidade da consciência." (Idem, ibidem, p. 72). Em seus trabalhos científicos Goethe realizou laboriosa observação na natureza e com a natureza, identificando detalhes e realizando medições precisas, buscou não dicotomizar entre objetividade e subjetividade, mas, sim, afirmar a necessidade de criar uma relação dinâmica entre ambas. Com objetividade em relação à matéria e subjetividade em relação a sua essência (que ele também chama espírito),

conforme aponta Steiner, "Goethe apresenta uma cosmovisão monista da realidade onde matéria não existe sem espírito, nem espírito sem matéria." (2004, p. 64).

O método científico goethiano consiste na tríade: *observar; intelectualizar; idear*. Segundo o próprio Goethe: "Partir da observação atenta do fenômeno, elaborar a imagem retida de forma viva, e permitir que a essência se manifeste." (*Apud* MARQUES, 2012. p. 24).

Partir da *observação* atenta e profunda, colocando-se em uma postura aberta e deixar o objeto manifestar-se por si. Para criar interiormente uma imagem fiel do objeto, é necessário *intelectuar*, fazer as correlações necessárias, "medir, pesar, calcular" e aplicar as demais leis das ciências materiais e dos métodos dedutivos. Para então *idear sobre* este objeto, deixando que ele se manifeste em sua essência, sem precisar se encaixar nos padrões utilitários ou estéticos do observador. Trabalhar a partir da fenomenologia goethiana significa buscar pela reelaboração do próprio pesquisador através de um processo de autoeducação, uma vez que o olhar do observador, assim como seus pensamentos, interferem na experiência.

Goethe vai de encontro à ciência dedutiva ao afirmar que "jamais o particular pode servir de modelo para o todo" (*Idem, ibidem*. p. 30). Assim diverge dos métodos de diagnóstico por exames pontuais que ignoram o todo, por exemplo. Na introdução da coletânea *Ensaio científico: uma metodologia para o estudo da natureza*, que reúne escritos científicos de Goethe, o médico Antonio José Marques cita um belo exemplo (me parece que este exemplo foi retirado de um livro de Umberto Eco, mas não consegui encontrar a fonte) sobre os riscos de tomar apenas uma parte para definir o todo, ao contar que Marco Polo, em suas viagens por Java, quando avistou um animal "muito feio de se ver", supôs tratar-se de um unicórnio, por possuir um único chifre. Marco Polo tomou uma característica pontual, sem olhar para as características do animal que estava em sua frente, e assim conseguiu ver um unicórnio, onde, na verdade, existia um rinoceronte. Eis um belo exemplo de alguém que apenas *olhou*, mas não *observou* o quanto este ser precisaria para ser reconhecido em sua individualidade.

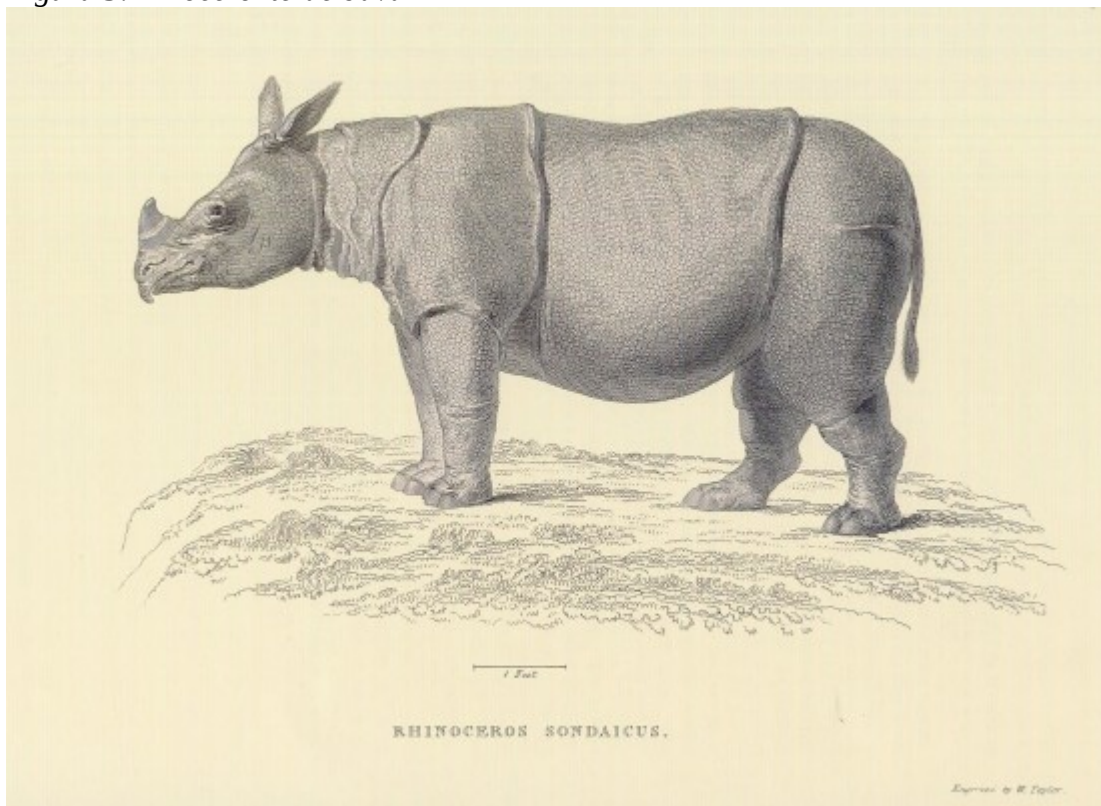
Assim, hoje podemos observar em nossas ciências uma quantidade enorme de estudos e classificações de grande relevância para o meio acadêmico, mas sem nenhum fundamento para o próprio rinoceronte. É a 'pesquisa pela pesquisa', que hoje é capaz de identificar a diferença entre o maxilar do rinoceronte-de-java e do rinoceronte-indiano, mas é incapaz de se aproximar da essência deste ser. Ao estudar Spinoza, Goethe afirma

que "Uma coisa existente e viva não pode ser medida por nenhum meio exterior a ela; caso isso tenha de ocorrer, ela própria deveria fornecer a medida para tal" (*Idem, ibidem.* p. 44).

Por meio da ciência estamos continuamente relacionando os fatos que na experiência estão separados. É através do pensar que o homem define quais os fenômenos isolados que devem ser reunidos, ao determinar quais são as relações significativas entre cada objeto. Ao decifrar determinados mistérios da natureza, nos aproximamos dos objetos e estabelecemos imagens mentais satisfatórias sobre os fatos, que nos geram um conforto interior.

O nosso processo pensamental está ligado à necessidade humana de chegar a uma 'ideia' do que representa este objeto, somente assim nos sentimos satisfeitos internamente. Dessa forma, se torna totalmente compreensível a necessidade de Marco Polo relacionar uma imagem conhecida ao animal que ele viu pela primeira vez. Mas como seria possível então perceber esta medida, que nem mesmo o ser observado é capaz de fornecer na maioria das vezes?

Figura 5: Rinoceronte-de-Java



Rinoceronte-de-java. De Thomas Horsfield, Zoological researches in Java, and the neighbouring islands. Printed by Kingsbury, Parbury, & Allen, 1824.

2.1 - Observação fenomenológica

O método científico goethiano, tem como cerne a experiência do observador e os reflexos do mundo exterior na consciência humana, e só pode ser realizada em sua plenitude por quem for capaz de desenvolver-se neste sentido. Destaca-se a importância do processo de autoeducação do observador em seus esforços para observar com atenção e relacionar fenômenos que parecem isolados. Conforme aponta Steiner, “Na primeira etapa da observação do mundo, toda a realidade se nos apresenta como um agregado desconexo; o pensar está encerrado dentro desse caos.” (2004, p. 48), e para aplicar a fenomenologia goethiana é necessário exercitar a metodologia científica para elevação do fenômeno.

Conforme aponta Bach, “A sequência fenômeno empírico, científico e primordial (puro) representa uma escala de elevação, potencialização da relação sujeito e fenômeno, de intensificação do processo cognitivo que busca a intuição.” (2015, p. 74), ou seja, a base é a observação empírica e atenta, depois entram as relações intelectuais (medições, relações, experimentos, etc.), para que seja possível se aproximar da essência do objeto (fenômeno primordial).

A experiência que faz inferências e julgamentos desde seu princípio lida apenas com a manifestação externa. Aquele que descreve os fenômenos com clareza, mede e relaciona com precisão, se aproxima da essência. Reconhecendo que pensar e pressupor são atividades inatas ao ser humano saudável, qual o tamanho do desafio de identificar o próprio pensar como parte envolvida no fenômeno, e mantê-lo controlado?

2.1.1 - A experiência pura (corpo)

Steiner descreve o principal pressuposto para alcançar a clareza na observação da seguinte forma: “Experiência pura é a forma em que a realidade nos aparece quando nos defrontamos com ela com completa renúncia de nós mesmos” (2004. p. 32). Neste primeiro passo da experiência, o desafio é observar e descrever com precisão o que está diante de nossos sentidos, sem pressupor nem julgar nada, fazendo-se necessária uma capacidade crescente de descrição fiel e isenta. Conforme afirma Goethe,

Se consideramos um objeto em todas as suas partes, se o captamos corretamente e podemos reproduzi-lo no espírito, podemos dizer que em tal caso o contemplamos num sentido apropriado e superior; podemos dizer que ele nos pertence e que adquirimos certo controle sobre ele. (*Apud* MARQUES 2012, p. 31).

Ao observar o objeto com os órgãos físicos, o ser humano é capaz de aperfeiçoar suas capacidades e captar tanto o objeto observado em sua totalidade, quanto seus detalhes, aprimorando também a habilidade de criação interna da imagem do objeto. Por ter como base a experiência, “O método pode ser facilmente confundido com o empirismo. Para expressar este diferencial, Goethe usou o termo ‘empíria delicada’, indicando uma relação de respeito no processo de descoberta da pesquisa, ‘onde o objeto não precisa ser dissecado para ser conhecido’.” (BACH, 2015. p. 66)

Para “captar corretamente” o objeto, Goethe utilizava-se de ferramentas simples, porém de grande eficácia, buscando internalizar o objeto através de desenhos e descrição detalhada, conforme afirma Bach “O esforço de exatidão na descrição almeja a transparência do objeto. (...) é uma atividade que retroage no próprio sujeito realizador da pesquisa, que potencializa no processo descritivo seu poder de percepção do objeto.” (2015. p. 66/67). Por meio desse exercício, o observador se torna capaz de acessar o objeto internamente, sem que o objeto esteja a sua frente.

Quando o objeto é observado, em diversos momentos se apresentam momentos de intensificação do fenômeno (metamorfozes) e manifestações opostas, tal como a planta que cresce para cima e para baixo ao mesmo tempo. Como descreve Bach (2015. p. 62)

O conceito de polaridade diz respeito à manifestação concomitante de dois opostos complementares no fenômeno. Os opostos não são pensados como contradição, mas como correlacionados. A interpretação que define os opostos como contradição antepõe um valor que não pertence ao fenômeno.

Assim, o primeiro passo de observação pura se constitui, partindo do respeito ao objeto, que só pode ser plenamente compreendido quando vivo em seu ambiente natural.

2.1.2 – Intelectuar e criar imagem (alma)

Após internalizar o objeto através da observação precisa e sem julgamentos, Goethe realizava medições e experimentos, aplicava seus conhecimentos, inferências, e relacionava-o com outros objetos. Uma gama de conhecimentos científicos materiais eram observados e testados para compreender o objeto com maior exatidão além dos sentidos. Neste ponto é importante buscar quais são os fenômenos que estão relacionados com o objeto.

Da mesma forma que observava os fenômenos visíveis, Goethe observava seus pensamentos e sentimentos a respeito dos objetos, sabendo que "O próprio pensamento se transforma no fenômeno" (GOETHE *apud* MARQUES, 2012, p. 17). Assim, estes também devem ser levados em consideração como parte do fenômeno, como peças que podem se encaixar em um amplo quebra-cabeça.

É o próprio observador quem deve que movimentar e aguçar seus sentidos para melhor perceber o conteúdo observado; só ele é capaz de elaborar o pensamento e recriar a sua própria percepção, vivenciá-la internamente até em sua menor parte, ter consciência de que seus sentimentos influenciam na forma como cria as suas imagens mentais, e somente através destas atividades é que esta vivência terá qualquer significado para si próprio.

Ao reunir a observação pura e a aplicação dos conhecimentos, as medições e os sentimentos, entendemos melhor aquele objeto, aprimoramos nossa imagem interna do objeto e abrimos espaço para que a essência do objeto se manifeste.

2.1.3 – Idear (espírito)

Após todo este esforço para observar e entender este objeto, deixamos que ele 'durma' dentro de nós, para que então possa manifestar a sua essência através da nossa própria intuição. Segundo Bach, "Provavelmente, este é o maior desafio para a compreensão da fenomenologia goethiana, uma vez que tem como pré-requisito o desenvolvimento da capacidade intuitiva do sujeito para a experiência da evidência da intensificação no fenômeno." (2005, p. 64).

A realidade que percebemos é impregnada por conceitos apreendidos e elaborados através do nosso pensar. Segundo Steiner (2004, p. 59), "O pensar é um órgão humano que se destina a observar algo superior ao que os sentidos oferecem.", e cabe ao nosso espírito elevar as experiências em direção a luz. Nossos pensamentos são a base para que outros pensamentos se estruturam, ou seja, cada conceito se edifica sobre outro anterior, e assim eu assimilo o mundo de acordo com os meus pensamentos e "o conteúdo da realidade é apenas o reflexo do conteúdo do nosso espírito" (*idem*, p. 62).

A essência do ser, para a fenomenologia de Goethe, nunca é revelada diretamente. A intensificação é uma aproximação à essência, ela se diferencia do passado ao buscar a atualização do ser. 'O que se manifesta imediatamente como real e verdadeiro no nível inferior, passa a ser símbolo no nível superior' (WEIZSÄCKER, 2000, p.550, *apud* BACH, 2015 p.62)

As manifestações individuais fazem parte de uma unidade oculta, as quais, com o nosso intelecto somos capazes de separar para melhor compreender determinado fenômeno, mas cabe ao espírito humano reunir racionalmente experimentos que parecem isolados. Assim a realidade se apresenta para nós de forma isolada e desconexa, cabe ao nosso espírito reunir o que parece separado. Conforme Bach “A observação fenomenológica é um processo descritivo que tem o objetivo de apreciar o objeto e suas relações contextuais” (2015, p, 66).

Steiner (2004, p. 70) descreve o homem como um “cidadão de dois mundos”, o *mundo das experiências* e o *mundo dos pensamentos*, e assim pode reunir a matéria, que dele se aproxima de baixo, e os pensamentos que reluzem de cima. Nessa visão, a nossa consciência não produz os pensamentos, mas sim acessa e percebe os pensamentos (ideias), sendo o pensar a essência do mundo.

Através da busca da essência do mundo o homem é capaz de realizar a sua atividade pensante em sua plenitude, desenvolvendo sua percepção sensorial-material, e sua atividade espiritual-universal. Os praticantes da fenomenologia goethiana se propõem a desenvolver-se através de suas percepções e *ideações*, em busca das essências do mundo. Tal trabalho científico-espiritual busca reunir o que nos parece separado.

O pensar como experiência superior é o esforço cognitivo em manter-se fiel à experiência. Não sou eu, como observador, que devo definir qual a forma de pensar que deve ser aplicada à planta, mas sim partir da observação detalhada, e possibilitar que através das imagens criadas internamente, minha mente possa adentrar o fenômeno e percebê-lo ao ponto de que ele possa me apresentar os meios necessários para aprofundar a experiência. Conforme afirma Goethe “Meu pensamento trabalha objetivamente. Com isto quero dizer que meu pensamento não se separa dos objetos” (Apud MARQUES, 2012, p. 31).

3 - A Observação da Criança

"Deixai cada um tornar-se
tudo aquilo que for capaz de ser.
Expandir-se,
se possível, até o florescimento.
Suportar todas as limitações.
Rejeitar tudo o que for estranho,
especialmente os aspectos nocivos.
E mostrar-se em toda a grandeza
de sua dimensão e estatura.
Ser tudo aquilo que possa!"

(Karl König)

Neste capítulo vamos descrever os elementos básicos sobre a Observação da Criança, qual seu objetivo, e um exemplo de metodologia possível mas não cristalizada.

3.1 - Aspectos gerais da avaliação na escola Waldorf

Nas escolas Waldorf de ensino fundamental, a avaliação é feita de forma sistemática e continuada com cerne na observação aprofundada de cada aluno ao longo do seu desenvolvimento, e costuma ter como base três ferramentas:

Através de **pareceres descritivos** são acompanhados aspectos físico-motores (corpo), anímico-sociais (alma), cognitivo-individuais (espírito). Estes são descritos pelos professores para os responsáveis pela criança anualmente ou de acordo com o período definido em cada escola. Evitam-se os pareceres avaliativos³.

Ao final do ano escolar, cada aluno recebe como presente um **poema** feito, ou escolhido, pelo próprio professor de classe. Este verso traz, por meio de imagens, qualidades e desafios que o professor elege como prioridade para serem trabalhados naquele momento. As crianças de sete à 14 anos, experienciam o mundo através de

³ Para os órgãos governamentais, às vezes faz-se necessária a elaboração de pareceres avaliativos, mas estes só são utilizados internamente como parte do processo descritivo, uma vez que estas ferramentas podem limitar a criança a números e podem estimular comparações e competições, o que, do nosso ponto de vista, são prejudiciais para a sociedade.

imagens. Assim, o poema carrega para o interior da criança a essência do que ela precisa acessar. Cada professor precisa autodesenvolver-se para acessar suas capacidades de observação e criação a fim de tornar-se assertivo nas imagens escolhidas. Este poema costuma ser recitado pela criança uma vez por semana ao longo do próximo ano escolar.

Para ilustrar, apresento um exemplo de poema produzido para uma aluna ao final do primeiro escolar para ser recitado ao longo do segundo ano:

“O sol a si mesmo admirava
Achando que apenas
O seu calor bastava
Certa vez, uma nuvem escura apareceu
E dela brilhantes gotinhas
A natureza recebeu.
O sol então descobriu
Que as plantas também precisam
De outro amor como o seu.”
(Professora L. 2015)

Podemos perceber nesse exemplo, uma imagem relacionada à natureza, bastante clara e acessível para a criança. Junto com a imagem está uma essência, da qual a criança poderá se aproximar. Nesse caso, abrir espaço e possibilitar que outras crianças possam também ser protagonistas nas atividades. Os professores podem se inspirar em poemas já existentes, mas é perceptível como um verso escrito especialmente para cada criança carrega muito mais do que “uma qualidade a ser desenvolvida”. Leva consigo além das palavras, o ser do professor, seus esforços em captar essências e a criatividade de escrever algo que diz respeito ao aluno em questão, único em sua individualidade.

Tanto o verso quanto o parecer descritivo, têm como base a prática da **Observação da Criança**⁴. Por meio do estudo constante da antropologia ampliada pela Antroposofia e dos exercícios de autodesenvolvimento, o professor trilha um caminho em busca da essência do ser observado. Realizar esta prática constantemente possibilita que o colegiado ofereça um olhar especial para determinada criança, mas também faz parte de um treino de respeitar e venerar o ser que está sendo trazido para o centro da atenção do corpo docente.

Compreender que cada aluno precisa ser observado de forma profunda e respeitosa e saber da importância que é receber um olhar amoroso é permitir que a

4 No presente trabalho utilizaremos o termo Observação da Criança para designar a prática que também é conhecida como Conferência da Criança, podendo ter outros nomes de acordo com a escolha do colegiado de professores.

criança sintá-se segura para desenvolver a sua própria individualidade de forma livre dos anseios e desejos dos adultos e da sociedade. Assim como pergunta Kalwitz (2006) “Como podemos desenvolver um olhar para a individualidade ainda oculta que não seja cunhado unilateralmente pela subjetividade da nossa própria relação com ela?”.

A seguir vamos descrever algumas características desta preciosa ferramenta, mas deixando claro que estas são apenas algumas possibilidades, dentro de uma pedagogia livre, na qual cada colegiado de cada escola pode desenvolver seus métodos próprios partindo de seus aprofundamentos e experiências. Meus apontamentos servem muito mais no sentido de pensar e organizar meus estudos e ainda poucas experiências, em um caminho que eu pretendo aprofundar em experiências futuras.

3.2 - Olhar e observar

Proponho um pequeno exercício para que possamos experimentar as duas qualidades que sugere-se entre olhar e observar.

Experimente direcionar seu olhar para o objeto mais simples que esteja ao seu alcance, de preferência algo que você nunca tenha detido sua atenção. Apenas olhe para ele por poucos segundos, feche seu olho e experimente recriá-lo em sua memória agora.

Quais imagens surgiram para você? Foi possível perceber este objeto em seus detalhes? Existiu alguma dedução sobre este objeto? Este primeiro olhar é muito importante, e pode nos dar algumas impressões preciosas. Guarde estas impressões.

Em um segundo momento aprofunde sua observação, não faça deduções sobre o que ele pode ser, apenas observe as características passíveis de serem compreendidas com os sentidos físicos, sem criar especulações: perceba os detalhes, as cores, as texturas, volume, curvas e retas... Feche os olhos e tente recriar este objeto internamente de forma tão fiel que ele esteja vivo dentro de você, agora.

Com este exercício foi possível perceber algo diferente neste objeto? Algo que você ainda não havia despertado dentro de si?

A sua relação com este objeto, de alguma forma pode ter sido alterada após realizar este exercício. Talvez você comece a ‘olhar com outros olhos’ para ele, ou seja capaz de diferenciá-lo em meio a muitos objetos idênticos por um simples arranhão causado pelo uso ou por outro detalhe que antes era insignificante, mas que agora possibilitou que este objeto tenha nascido de uma nova forma dentro de você. Os

objetos costumam se revelar de forma diferente para quem se dispõe a exercitar suas capacidades, quanto mais aos observadores atentos e treinados.

Proponho este exercício para buscar uma diferenciação entre um primeiro olhar, que antes de perceber o objeto em seus detalhes já projeta diversas deduções amplas, daquele olhar que observa de maneira isenta, permitindo que sempre algo a mais seja percebido, mesmo no objeto mais simples.

Olhar e observar com consciência nos possibilita acordar para o momento presente. O esforço diligente deste exercício é uma forma pura de amar os objetos, depositando a nossa atenção desperta em algo que não sou eu, possibilitando que ele se manifeste através de sua própria essência. A diferença quando olhamos novamente para um objeto com o intuito de recriá-lo internamente já pode ser perceptível em um exercício simples: imagine quando o observador se detém a observar o mesmo objeto, diariamente, realizando desenhos, identificando os seus ínfimos detalhes aumentando a sua capacidade de senti-lo vivo dentro de si. E qual será a potência de realizar esta prática com plantas, animais e seres humanos?

3.3 - A Observação da Criança

“Quem é esta criança que está diante de nós?
Que a cada dia, em cada passo, modifica seu caminhar.
Permita que eu aprenda a te olhar, sem te julgar.
E que assim, da tua essência, tu possas te aproximar.”
(Paulo Bergallo Rodrigues)

A Observação da Criança é um instrumento precioso, com o qual os professores podem presentear uma criança, por meio de seu olhar desperto, venerando sua individualidade e possibilitando assim que ela se revele em sua essência única.

Não é preciso grande esforço para perceber que nossa rotina atribulada nos leva para um caminho de automatismo. Quando isso acontece, o nosso Eu deixa de estar presente, e nós passamos a ‘olhar e rotular’ tudo que está a nossa volta através de estereótipos, esquecendo de perceber o indivíduo e vendo apenas “o comportado”, “a bagunceira”, “o engraçadinho”... nosso olhar fica embaçado, torna-se difícil perceber as características específicas.

Para que a Observação da Criança seja realizada, é essencial que cada professor aprimore a sua capacidade de admiração. O olhar interessado, um interesse verdadeiro para identificar de forma objetiva e sem inferências ou julgamentos o que está a nossa frente, tal como proposto de forma bastante germinal no item 3.2 deste trabalho. Ao despertar nosso interesse e a capacidade de percepção de forma objetiva, treinamos o nosso olhar para o que realmente é visível, separando das nossas próprias inferências e julgamentos (que carregam consigo o caráter subjetivo de quem observa).

Quando nos exercitamos nesse sentido, nossa percepção muda consideravelmente, como se nós transbordássemos de nosso próprio corpo para viver por alguns momentos no corpo do outro. Uma busca para estarmos mais presentes, perceber detalhes e depois revisitar os fenômenos de forma objetiva: movimentar-nos como aquele ser, caminhar, falar, desenhá-lo... elaborar relatos e registros artísticos são ferramentas preciosas. Quando tornamo-nos capazes de despertar dentro de nós, as características de outro ser, acessamos uma parte dele, nos auxiliando a dar mais um passo em direção a sua essência.

Manter-se desperto e atento à individualidade das crianças a nossa volta é um exercício que precisa ser praticado diligentemente; desenvolver o olhar e a postura de veneração perante cada criança é um presente para os alunos e para a sociedade, um ato de abrir mão de suas próprias impressões em busca da compreensão do outro.

A seguir, apresentarei alguns passos possíveis, que podem variar de acordo com cada colegiado, que se interpenetram e não necessariamente são realizados em uma ordem fixa. Peço atenção especial para o fato de **não se tratar de uma receita a ser aplicada**, mas sim um caminho a ser desenvolvido.

3.3.1 - Admiração

Na prática de Observação da Criança, tanto o primeiro olhar quanto a observação aprofundada têm papel fundamental. A primeira impressão pode estar ligada a nossa intuição, algo que desperta em nós, mesmo que não saibamos explicar o que é, mas que assim nos revela algo da essência que nem sempre conseguimos acessar de outras formas. Outras vezes, nossa primeira impressão pode ser apenas pré-conceito, que precisa ser revisto para não tornar-se determinismo. Observar com profundidade é uma forma de ir além da primeira impressão, é permitir que o ser se manifeste para além da impressão da superfície, é deixar o que 'parece' de lado, para observar o que de fato é.

Assim começamos a Observação da Criança admirando a criança, descrevendo a nossa primeira impressão dela: como foi quando a encontrei pela primeira vez? Onde estávamos? Como eu a percebi (neste momento, pode-se observar também os sentimentos envolvidos, tomando-os como parte da observação que pode nos dar algumas pistas).

Em seguida, buscamos perceber as características de vários aspectos da criança de forma atenciosa, utilizando para isso perguntas abertas, que possibilitem aos observadores ampliar as percepções, tais quais: Quais as características de seu corpo físico? Tamanho do corpo e proporções; traços e volume corporal; Qual o formato de sua cabeça? Mandíbulas; dentes; queixo; nariz; formato dos olhos; sobrancelha; testa; orelhas; Como são os cabelos? Como é a postura de sua coluna? Pescoço; ombros; braços; Quais são as características de suas mãos, dedos e unhas? E das pernas, joelhos e pés?

Em relação aos movimentos, quais são as características dessa criança? Como é o seu caminhar? O correr; pular; saltar; arrastar; girar; dar cambalhotas; abaixar-se; escalar; equilibrar; perdurar-se; Quais são as habilidades e destrezas? Onde residem seus desafios? Em relação a sua expressão, como é a sua postura corporal ao recitar ou contar algo para a turma? Qual a intensidade de sua voz? Qual é o grau de compreensão de sua fala? Como é a sua relação com os colegas? Quais as características de seus desenhos? A forma como segura o giz; a vontade e o esforço ao trabalhar; Quais são as suas cores preferidas?

Nessa parte é importante admirar as características da criança sem julgar, como quem contempla uma paisagem natural. Não existe jeito 'certo' de caminhar, existe a forma como a criança caminha.

3.3.2 - Proteção e veneração

Neste passo a proposta é formar uma imagem da criança e realizar relações com os conhecimentos da antropologia antropológica.

Partindo da admiração, os professores buscam formar imagens dessa criança. Seu caminhar parece com o de um passarinho que busca alimento em um quintal, pulando leve, e olhando atento para todos os lados. Seu olhar é penetrante como a luz do sol na água, e parece estar muito desperta percebendo tudo a sua volta. Quando se envolve em uma brincadeira durante o recreio, parece um João-de-Barro construindo sua casa. Para aquele observador que se apropria dos conhecimentos da essência espiritual humana, e se alimenta com imagens arquetípicas do mundo natural, a criação de imagens

pode se aproximar mais das essências. Mesmo assim, nem mesmo o observador mais experiente e atento está livre de cometer deslizes em suas observações. Por isso Goethe afirma que “Só o interesse de muitos, dirigido a um só ponto, é capaz de produzir algo excelente.” (2012, p. 57), aumentando a capacidade de aprofundamento e diminuindo as chances de equívocos.

Cada professor envolvido na observação, traz relatos e percepções, mesmo que às vezes elas sejam opostas. “A imagem que assim surge apresenta uma série de percepções subjetivas que, no conjunto, deixam vislumbrar a personalidade individual da criança.” (Kalwitz, 2006. p. 6). Quando os professores observam características distintas de uma mesma criança, o que isso quer dizer? Que é preciso observar melhor ou que esta é uma pista sobre este ser? Dessas relações, podem surgir indicações e luzes sobre características que ainda não haviam sido percebidas através dos olhares cotidianos.

Admirar e formar imagens da criança, auxiliam na relação do que foi percebido com os fundamentos antropológicos do desenvolvimento humano. Nesse passo é importante fazer relações dos fatos observados com a compreensão do ser humano composto por corpo físico, corpo vital, corpo anímico e Eu (quadrimembração), trimembrado em pensar, sentir e querer, que apresenta um processo de desenvolvimento específico de acordo com cada fase da vida, e tantos outros aprofundamentos possíveis a luz da Antroposofia. Este é o fundamento da prática pedagógica nas escolas embasadas na proposta de Rudolf Steiner.

Estes passos se interpenetram, alternando-se e complementando-se, em um movimento que vai da visão geral da imagem da criança, até os detalhes de cada parte e relações com conhecimentos prévios, retorna para a percepção da criança e analisa outro ponto específico, em um movimento de aproximação e afastamento, sabendo que sempre existirá algo além para ser percebido e relacionado.

Em alguns momentos o colegiado inicia a observação com uma mesma impressão ‘quase óbvia’ de uma criança. Quando os diferentes relatos e relações que às vezes parecem opostos, vão se conectando feito peças de um quebra-cabeça, a imagem que se forma desperta uma nova compreensão dessa criança. Em um momento tão bem descrito por Kalwitz:

Quem já vivenciou observações de crianças conhece o momento em que, da consonância das singelas percepções trocadas, surge, de repente, uma imagem que transpõe o limite do olhar individual. São momentos emocionantes dos quais

pode emanar uma profunda comunhão do colegiado participante. E muitas vezes ficamos admirados de ver como a criança em questão, que geralmente nada sabe, nos dias seguintes ficam bem diferentes. Parece que problemas se dissolvem em uma noite e perspectivas totalmente novas se abrem. (2006. p.7).

Criar esta imagem da criança coletivamente permite que ela própria se apresente através de vários olhares, em uma imagem não cristalizada, como um ser único, livre de julgamentos externos. E como se o próprio ser demonstrasse as medidas e ações necessárias para que possa florescer de acordo com seus próprios dons e particularidades.

Escolher uma criança para realizar a Conferência é colocá-la em um centro de luz, permitir que os olhares que antes estavam adormecidos, despertem para aquela individualidade; ela percebe, sem que seja dita uma única palavra a ela, que os adultos estão direcionando suas percepções para ela, e assim o fenômeno se manifesta, exatamente como ele precisa se manifestar. Neste caso não estamos apontando quais são os desejos da escola sobre cada aluno, mas sim o esforço em compreender tudo o que a criança quer nos dizer, o que ela pode vir a ser, e também o que aquele ser específico traz como dom para o mundo. É tarefa dos professores, identificarem estes aspectos para criar ações pedagógicas que permitam que cada criança se desenvolva de acordo com a sua capacidade. Segundo afirma Steiner:

Cada criança, em qualquer época, traz das regiões divinas algo de novo para o mundo. E, é nossa tarefa, como educadores, a remoção dos obstáculos físicos e psíquicos em seu caminho. Vencer as dificuldades de forma a permitir que seu espírito adentre a vida em total liberdade. (Rudolf Steiner, 1979).

Para que esta criança possa se manifestar em sua individualidade, faz-se necessária uma postura de proteção e respeito por parte dos envolvidos, conforme aponta Kalwitz:

Na observação de crianças, as pessoas que se preocupam com uma criança constituem um círculo de consciência, em cujo centro algo do ser da criança pode luzir. Quando levada a sério, constitui, em toda a sua singeleza, no sentido espiritual, uma fonte de força e de conhecimento. Além disso, muitas vezes atua fortemente na comunicação, na formação de comunidade sobre o círculo de pessoas que a realizam. (2006. p.6).

Se a observação atenta e amorosa de uma pessoa sobre determinada criança já é capaz de dar pistas sobre a mesma, imagine a força de um colegiado de professores imbuído desta tarefa...

3.3.3 - Entusiasmo

As ações pedagógicas para auxiliar a criança, são definidas partindo sempre do que ela própria está necessitando. Ao realizar relações dos fatos observados na criança com a antropologia antropológica, surgem pistas sobre 'quem é esta criança' e compreensões sobre os momentos que ela está passando em sua biografia, conforme apontado anteriormente. A partir daí o colegiado se propõe as mais interessantes medidas pedagógicas, que buscam principalmente, proporcionar saúde e bem-estar para a criança. O importante é que deste processo nasça algo único e não uma receita.

Para elucidar: uma criança que apresenta falta de vontade em sala de aula e muito sono por exemplo, pode ser auxiliada pela sugestão aos pais de um bom ritual para dormir, com escalda pés ou massagens e bolsa de água quente. Em alguns momentos a matemática poderá ser um grande desafio para ela, causando-lhe náuseas por não conseguir executar os exercícios. Pois então, uma medida pedagógica que recomende uma quantidade maior de exercícios terá um efeito saudável? Talvez a necessidade seja justamente soltar esta ansiedade pulando corda todos os dias ou caminhar equilibrando-se ou escalar árvores... Para uma criança que já é muito tranquila, a necessidade pode ser atividades que exija 'tomar as rédeas', tal qual a equitação. Em outros momentos a medida poderá ser apenas recebida pela criança através da atitude dos adultos. Se a criança costuma fazer muitas coisas ao mesmo tempo sem terminar nenhuma, talvez seja necessário um esforço dos adultos que estão a sua volta, e estes elegem como medida pedagógica, tornarem-se exemplos ocupando-se em finalizar as tarefas que iniciaram antes de começar outras.

As propostas precisam ser planejadas pelo corpo pedagógico e os responsáveis por realizá-las devem ser definidos. As medidas pedagógicas tem um caráter exclusivo. A certeza de que cada medida foi escolhida para aquele ser possibilita que cada ser seja honrado com algo que só diz respeito a ele próprio e assim buscamos realizar o pressuposto de que cada ser único, precisa de medidas únicas.

Imagine a repercussão na criança quando buscamos compreender cada ser em sua individualidade, propondo medidas exclusivas para que esta criança se desenvolva, ao invés de aplicar notas e valores, prêmios e castigos padronizados.

3.3.4 - Gratidão

Mesmo sem que a criança esteja consciente da prática de observação realizada, ela pode sentir as forças que estão envolvidas em todo o processo. Desta forma, um passo vital da Observação da Criança, é o gesto de gratidão.

Após realizar os passos anteriores, os professores propõem um gesto de agradecimento à criança que foi observada. As forças de gratidão possibilitam ao colegiado retribuir ao ser pela oportunidade e abrem espaço para recomeçar a relação num processo de aprendizado e transformação. Esse gesto está relacionado a ação, e pode ser simples e singelo como cantar, pintar, recitar... mas sempre pensado de acordo com a sua individualidade.

3.4 - Uma metodologia possível

A forma como é estruturada a observação pode variar de acordo com o colegiado de professores, por isso neste caso apresentei algumas das indicações que venho recolhendo em meus estudos como sendo as bases principais, e a seguir as explicito.

O primeiro ponto é sempre solicitar a parceria e compreensão dos pais, informando como será feito o processo e pedindo que eles também fiquem atentos à criança durante o período de tempo para a observação que costuma ser feita de 7 a 28 dias dependendo da metodologia do colegiado. Um moderador é escolhido para conduzir o processo, seguindo um método combinado anteriormente (não é indicado alterar o processo durante a realização) e todo o trabalho deve ser registrado em ata.

A escolha da criança deve ser vista como um presente e não como uma necessidade exclusiva àquela que apresenta desafios ou dificuldades. Por acompanhar as crianças e ser o responsável por elas, o professor de classe é quem escolhe o melhor momento para que a cada criança seja observada, e é importante que cada aluno possa ser observado ao menos uma vez ao longo do ensino fundamental.

Durante este período de observação e preparo, que costuma ser de uma semana, todo o colegiado de professores amplia a sua percepção e abre espaço dentro de si para perceber as manifestações mais sutis deste ser. É indicado realizar anotações descritivas, desenhos e registros, tanto da fisionomia, quanto dos movimentos e das interações da criança com o mundo. Com o desafio, sempre presente de descrever fatos e características sem julgar. Em algumas escolas os cuidadores da criança (pais,

responsáveis, familiares, ou quem esteja ciente do processo) também são convidados para perceber possíveis acontecimentos em casa, mesmo sem participar do momento da Observação da Criança, seus relatos são considerados como possíveis pistas de quem é essa 'criança'.

Após o período de observação, em um momento específico da reunião semanal dos professores, prepara-se o ambiente para iniciar este trabalho. Tira-se do ambiente tudo o que poderia distrair do foco e lê-se um poema relacionado à semana de nascimento da criança. Um a um os professores descrevem as observações que fizeram desta criança, conforme apresentado no item 3.3 deste trabalho, vinculados a posturas internas para cada passo:

Nos dois primeiros passos o observador deve buscar uma postura de admiração.

1º passo – Impressão que eu tive quando a vi pela primeira vez.

2º passo – Observação de diversos aspectos, tal como traços físicos, movimentos, linguagem, comportamento, desenhos e trabalhos realizados pela criança, relatos da família, etc.

Nos passos três e quatro, é necessário proteger e venerar a criança.

3º passo – Formar a imagem dessa criança. Através de analogias, buscar uma visão geral desta criança, com base nos aspectos colhidos anteriormente.

4º passo – Relacionar com o conhecimento fundamentado na antropologia antropológica. A partir dos fenômenos observados, quais as explicações eu posso encontrar no estudo geral do ser humano?

Nos passos cinco e seis, é importante entusiasmar-se.

5º passo – Planejar o que fazer para auxiliar esta criança.

6º passo – Executar as ações definidas, definir responsáveis e revisar o processo.

O sétimo e último passo, desperta a gratidão pela criança.

7º passo – Realizar um gesto de gratidão por este ser. Pode ser algo que ela não receba diretamente, como um verso, uma pintura, uma música, ou outro gesto realizado pelo colegiado. Ou então algo que ela receba diretamente, um carinho especial, um alimento que ela adora ou uma tarefa que ela queira muito realizar.

Estas são algumas possibilidades para uma metodologia de trabalho, mas que podem ser alteradas ou revistas de acordo com cada colegiado.

4 - Reflexão

“Yo no estudio las cosas ni pretendo entenderlas. Las reconozco, es cierto, pues antes viví en ellas. Converso con las hojas en medio de los montes Y me dan sus mensajes las raíces secretas.

Y así voy por el mundo, sin edad ni destino. Al amparo de un cosmos que camina conmigo. Amo la luz, y el río, y el silencio, y la estrella. Y florezco en guitarras porque fui la madera.”

(Atahualpa Yupanqui)

Em seu artigo *Influência da filosofia moderna* Goethe afirma que ele próprio não tinha predisposição para estudar filosofia, estava mais interessado nas suas próprias investigações e na compreensão dos fenômenos que se relacionavam.

Nas investigações físicas, fiquei convicto de que, em toda consideração dos objetos, **o dever supremo é investigar cuidadosamente todas as condições sob as quais um fenômeno se manifesta**, e aspirar à maior completude possível dos fenômenos, já que por fim estes se dispõem espontaneamente um junto ao outro e, portanto, a formar diante dos olhos do investigador uma espécie de organização e manifestar sua vida interior em conjunto. No entanto, continuava a permanecer numa espécie de crepúsculo, pois em nenhum ponto encontrava um esclarecimento segundo meu próprio modo de entender e de sentir, já que afinal **cada um só pode ser esclarecido do modo que lhe é peculiar**. (GOETHE, 2012, p. 80). (grifo do autor).

Goethe encontrava em Kant questões fundamentais sobre a existência espiritual e a interferência mútua do homem no mundo e do mundo no homem, assim como a “vida interior da arte e da natureza” (*Idem. Ibidem.* p. 82) e a íntima atuação de uma sobre a outra, na qual “os produtos desses dois mundos infinitos deviam apenas existir por si mesmo, e o que coexistia existia **pelo outro, mas não explicitamente por causa do outro.**” (*Idem. Ibidem.* p. 82). Através desse contato com as obras de Kant, Goethe sentiu-se com “paixão renovada” (*Idem. Ibidem.* p. 82), a ponto de buscar contato com os kantianos. Entretanto, percebeu que na verdade eles não estavam falando as mesmas coisas, Goethe percebe então que não falava do que havia lido em Kant e só falava do que as leituras haviam despertado nele.

O conhecimento é inútil se ele não mobiliza nossas forças para atuar no mundo. Discutir teorias pode ser apenas entretenimento mental para satisfazer egos e criar hierarquias. E nas instituições universitárias parece que este perigo nos ronda com mais constância. Reflito sobre este ensaio de Goethe, pois mexeu bastante comigo, me fazendo sentir humano ao reconhecer que eu quero ler as obras que movem meus sentidos, quero sentir meu corpo pulsando, mesmo que o meu entendimento seja diferente do que o autor quis dizer. É importante compreender outras teorias, mas o essencial é que elas me despertem para atuar no mundo.

Buscando compreender o método científico de Goethe e relacioná-lo com a Observação da Criança, realizo as seguintes observações:

Goethe aponta a importância de observar sem julgar, estabelecer condições para que os objetos possam se manifestar e esperar que eles mesmos expressem as suas leis. As relações entre os fenômenos e a compreensão de suas conexões são alimentadas e alimentam as capacidades imaginativas e intuitivas. A Observação da Criança está totalmente fundamentada na metodologia científica goethiana, uma vez que busca observar sem julgar, criar um ambiente protegido em que as crianças possam manifestar sua essência (além do ambiente físico e anímico, o ambiente espiritual também é preparado) e esperar que a própria criança manifeste suas próprias leis, sabendo que a essência nunca se manifesta em um único fenômeno. Além de perceber fenômenos opostos, não como contraditórios, mas sim como complementares. Também expressa a necessidade de exercitar a imaginação e a intuição através da compreensão da essência dos objetos e dos fenômenos, para realizar relações pertinentes que nos auxiliem a acessar imagens verdadeiras.

Parece-me que a Observação da Criança seria um dos experimentos que cada professor faz para acessar o cerne de cada aluno, mas que só poderá ser válido quando percebido como um experimento dentro de uma série de experimentos complementares. Assim, exercitamos a nossa capacidade de penetrar na natureza dos objetos, atentos aos sinais que podem surgir. É isso que caracteriza a experiência de ordem superior.

A Observação da Criança não tem por objetivo final 'encontrar uma essência', o objetivo sempre será 'colocar-se a caminho', por dois motivos: primeiro, sabendo que, quando acessamos uma essência, esta passa por transformações, da mesma forma que foi apontada na biografia humana; segundo, porque quando acreditamos ter

desenvolvida a nossa percepção 'o suficiente', caímos do cavalo por excesso de confiança. Quando reconhecemos esses pré-requisitos, compreendemos que a Observação da Criança é uma ferramenta que nos possibilita buscar pelas essências, únicas, mutáveis, que dependem do observador e do observado. Essa busca tem por objetivo, compreender o ser e propor medidas pedagógicas para que ele possa se desenvolver segundo a sua próprio destino.

Quando compreendemos que o importante não é o *objetivo*, mas sim o *efeito* que esta prática nos conduz, seguimos mais satisfeitos com o caminho. Da mesma forma que alguém viaja sem olhar para os lados, pois só pensa no destino, deixa de aproveitar toda a paisagem e os fenômenos que se apresentam. Acessar essências, internalizar imagens e percebê-las vivas dentro de nós, são exercícios prazerosos para o ser humano desde a sua infância, e fazem sentir-nos vivos na relação com o outro.

Desde a infância, nós sentimos a maior alegria em relação a objetos à medida que os percebemos vividamente (...). Quem, logo em seguida ao ensejo de um fenômeno externo, toma consciência de si mesmo em seu interior, sente um bem-estar, uma autoconfiança, um prazer que ao mesmo tempo proporciona uma calma gratificante; a isto se denomina descobrir, inventar. (GOETHE, 2012. p. 90).

Essa descoberta não está ligada apenas ao objeto, mas, sim, a tudo aquilo que eu fui capaz de acessar internamente ao me encontrar com o objeto. Este deveria sempre ser o foco da experiência: o que eu fui capaz de acessar ao descobrir neste processo. Conforme aponta Bach *et al*, "a indicação de Steiner é de que o foco autocrítico principal está sobre o processo, não sobre os resultados." (2013, p. 170), sabendo que na visão goethiana o pensar faz parte da experiência, mas precisa estar cômico de sua atividade.

4.1 - O trabalho interno do observador

A Observação da Criança como método, só pode encontrar bons resultados se cada membro do corpo pedagógico realiza individualmente um caminho de autodesenvolvimento. Para atingir o objetivo de que *o próprio ser se revele aos observadores*, é preciso um silenciar ativo, e a capacidade de aquietar os meus próprios

pensamentos a fim de escutar o que vive dentro do outro ser. Como bem aponta Angela Michel⁵:

Esvazie-me de ruídos, medo, julgamentos e qualquer forma de projeção, que escureçam minha visão para o que realmente é. Não me permita imprimir minha interpretação e julgamento na imagem da criança perante mim. Permita-me estar no lugar certo, não tão perto para ver apenas um detalhe da figura, nem tão longe para que eu possa ver claro e com foco e que a verdade não se torne embaçada. Permita-me estar onde eu possa ver a criança inteira. Permita-me ser altruísta. (tradução nossa, 2009, p. 10).

A busca por centramento interno, capaz de separar percepções objetivas de julgamentos torna-se indispensável para os professores, e pode ser desenvolvido por meio de práticas meditativas, exercícios de clareza e de objetividade em todo o processo de observar e descrever, criando, assim, um canal de comunicação sutil com a criança, para que ela possa manifestar a sua essência.

Conforme aponta Jones-Smith⁶, “O mais importante é que eles (professores) tenham adquirido a capacidade, perante a presença de cada criança e em cada momento, de formular e reformular a tarefa educacional. Para o verdadeiro professor, a pedagogia deve ser algo vivo, algo novo a cada momento.” (Tradução nossa, 2014, p. 1).

4.2 - Em busca de coerência

Desde que desejei realizar meu trabalho de conclusão do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, comecei a me perguntar: qual será a coerência de escrever os conceitos de algo essencialmente prático e vivencial? Escrever este trabalho de forma alguma significa uma ampliação da minha capacidade de observação, tão pouco garante que agora estou capacitado para atuar em sala de aula. Conforme aponta Steiner “Uma das piores coisas (...) que acontece é quando

5 <https://www.waldorflibrary.org/images/stories/Journal_Articles/GW57_issue.pdf> “Make me empty of noise, fear, prejudice and any form of projection that obscures my seeing what there really is. Do not allow me to imprint my interpretation and judgment on to the imagination of the child before me. Let me stand in the right place, not too close to see only a partial picture, not within the magnetic ring of reaction, not too far to see clearly and with focus and not so far as to wash over the truth. Let me stand where I can clearly see the whole child. Let me be selfless.”

6 "Lo que es importante es que ellos han adquirido la capacidad, ante la presencia de cada niño y en cada momento, de formular y reformular la tarea educacional. Para el verdadero maestro, la pedagogía debe ser algo vivo, algo nuevo a cada momento."
<https://www.waldorflibrary.org/articulos-en-espanol/1232-estudio-del-nino-un-aspecto-especial-de-la-educacion-waldorf>

alguém tem de escrever uma dissertação para tornar-se livre-docente, pois não há relação alguma entre escrever uma monografia e o fato de tornar-se livre-docente” (STEINER, 2016, p. 7). Realizar estudos teóricos é uma parte do caminho, mas necessita ser praticado e acessado através da ação pedagógica, a fim de superar a simples escrita pela escrita.

Encontro em mim um ser que muitas vezes luta para quebrar com o “pensamento academicista” que se faz presente em meu pensar, que briga quando percebe algo que eu considero incoerente dentro da universidade, e reconheço as incoerências dentro de mim mesmo. Essa força agressiva é valorizada em uma sociedade competitiva, ainda mais em um espaço de ‘disputa de ideias’ como a academia costuma se colocar. Mas sozinha não serve para nada.

É preciso ir além e construir práticas que valorizem estes belos conceitos. Este trabalho está sendo realizado, no gerúndio, pois continuará após a apresentação. Faz parte de uma caminhada mais longa que não busca encontrar verdades, e sim despertar sentimentos para atuar no mundo. Na construção de paisagens, leituras e partilhas em situações cotidianas. Nos sentimentos que nos fazem acelerar nosso passo em direção à meta e pelo prazer de buscar conhecimentos pertinentes. Em meio à vida que se torna mais árdua, mas que também se preenche de sentido.

Ao longo do processo de pesquisa encontrei inúmeras referências e inspirações que me auxiliaram a passar por alguns desertos universitários de conhecimento, respirando a brisa leve das escolas do campo. Escrevi em noites muito frias dentro de um apartamento no meio urbano, vendo o reflexo do pôr-do-sol através das janelas, feliz, pois sinto que sou capaz de acessar a essência do pôr-do-sol dentro de mim. Consciente de que minha capacidade de expressão ainda falha, se excede, pesa em imagens que nem sempre funcionam, mas fazem parte de um caminho que já não tenho vergonha de assumir. O que realmente me parece ter valido a pena foram as forças que permearam meu corpo enquanto buscava compreender os conceitos, sentir o meu corpo vibrando a cada nova descoberta além do cognitivo, e expressá-las do jeito que elas me tocam.

Ao longo desse processo percebi que o esforço valeu a pena, pois, em vários momentos, meus sonhos pareciam festas, como se eu estivesse sendo saudado em uma chegada após uma longa e exitosa viagem, e precediam um despertar descansado e animado. Até o dia em que eu levantei sentindo-me eufórico, pois acordei sem saber a causa, nem a explicação, mas com a sensação de saber que meu pensar é luz!

“Nunca fale sobre os limites do conhecimento humano, mas somente sobre o limite de seu próprio conhecimento.”

Rudolf Steiner

Bibliografia

AMPWRS. **Breve história da Escola Waldorf Querência**. Disponível em <http://www.ewq.com.br/110293>. Acesso em 28/05/2018.

ARANTES, José Tadeu. **O pensamento científico de Goethe**. Sociedade Antroposófica Brasileira, 1999. Disponível em: <http://www.sab.org.br/goethe/>. Acesso em 28/05/2018.

BACH, Jonas. Educação e a fenomenologia da natureza: o método de Goethe. In **Filosofia e educação** (RFE), v.7 n.3, out 2015 / jan 2016. Campinas - SP. Disponível em: <https://periodicos.sbu.> . Acesso em 05/04/2018

_____. **A pedagogia Waldorf como educação para a liberdade: reflexões a partir de um possível diálogo entre Paulo Freire e Rudolf Steiner**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba – PR, 2012.

BACH, Jonas. STOLTZ, Sonia. VEIGA, Marcelo. Autoeducação e liberdade na Pedagogia Waldorf. In: **Educação: Teoria e Prática/ Rio Claro/ Vol. 23, n.42/ p. 161-175/ Jan-Abr. 2013.**

CARLGREN, Frans; KLINGBORG, Arne (tradução Edith Kunze e Kurt O. Kunze). **Educação para a liberdade: a pedagogia de Rudolf Steiner**. São Paulo: Escola Waldorf Rudolf Steiner, 2006.

ESPÍRITO SANTO, Gisele Helena do. **A experiência da linguagem no ensino Waldorf**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto alegre – RS, 2016. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/157718#> . Acesso em 05/04/2018.

GOETHE, Johann Wolfgang von. O experimento como mediador entre objeto e sujeito. In: **Ensaios científicos: uma metodologia para o estudo da natureza: coletânea / Goethe; apresentação e introdução Antonio José Marques; seleção dos textos de Goethe, Jacira Cardoso**. São Paulo - SP: Barany Editora: Ad Verbum Editorial, 2012.

JONES-SCHMIDT, Vivian. **Estudio del niño: Un aspecto especial de la educación**. The Online Waldorf Library. 2014. Disponível em: <https://www.waldorflibrary.org/articulos-en-espanol/1232-estudio-del-nino-un-aspecto-especial-de-la-educacion-waldorf>. Acesso em 05/04/2018.

KALWITZ, Bernd. **Observação de Crianças**. Periódico nº 30 da Federação das Escolas Waldorf no Brasil. São Paulo- SP. 2006.

LANZ, Rudolf. **Noções básicas de Antroposofia**. São Paulo – SP. Editora Antroposófica, 1997.

LUZ, Madel. WENCESLAU, Leandro. Goethe, Steiner e o nascimento da arte de curar antroposófica no início do século xx. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 98, 2012, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Disponível em: <http://rccs.revues.org/5046> . Acesso 18/05/2018.

MARASCA, Elaine. **Saúde se aprende, educação é que cura**: da pedagogia Waldorf a salutogênese. São Paulo – SP. Editora Antroposófica, 2013.

_____. Pedagogia Waldorf e Salutogênese: o ensino como fonte de saúde. **Útopia y práxis Latinoamericana**, Año 22, n° 79. Publicação digital. Universidad del Zulia, Maracaibo, Venezuela. 2017. Disponível em: <http://produccioncientificaluz.org/index.php/utopia/article/viewFile/22965/22917>. Acesso em 28/05/2018.

MARQUES, Antônio José. **Ensaio científico**: uma metodologia para o estudo da natureza. Coletânea / Goethe; Apresentação e Introdução Antônio José Marques. Seleção e tradução dos textos de Goethe, Jacira Cardoso - São Paulo - SP : Barany Editora : Ad Verbum Editorial, 2012.

MARQUES, Antônio José. **Teoria do conhecimento**. Artigo online em Vivenda Santana. Disponível em: <http://www.vivendasantanna.com.br/artigos/forum2/48-teoria-do-conhecimento>. Acesso em 14/05/2018

MICHEL, Angela. Child Observation. Gateways. **A Newsletter of the Waldorf Early Childhood Association of North America**. Nova York - EUA, 2009, v. 57. Disponível em: https://www.waldorflibrary.org/images/stories/Journal_Articles/GW57_issue.pdf . Acesso em 18/05/2018.

SANTOS, Mateus Casanova dos. A avaliação das aprendizagens na prática da simulação em enfermagem como feedback de ensino. In: **Rev. Gaúcha de Enfermagem (Online)**, vol.31 no.3 Porto Alegre Set. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v31n3/v31n3a20.pdf> . Acesso em 24/05/2018.

SETZER, Valdemar. **Pedagogia Waldorf**. Sociedade Antroposófica Brasileira, 1998. Disponível em: <http://www.sab.org.br/portal/pedagogiawaldorf/27-pedagogia-waldorf> . Acesso em 28/05/2018.

_____. **O que é Antroposofia?** Sociedade Antroposófica Brasileira, 1998. Disponível em <http://www.sab.org.br/portal/antroposofia/o-que-e-antroposofia> . Acesso em 28/05/2018.

_____. **Rudolf Steiner – Biografia Cronológica** Sociedade Antroposófica Brasileira, 1998. Disponível em: <http://www.sab.org.br/steiner/biogr.htm> . Acesso em 28/05/2018.

STEINER, R. **A arte da educação I . O estudo geral do homem, uma base para a pedagogia**. São Paulo: Antroposófica, 1995.

_____. **O método cognitivo de Goethe: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana**. São Paulo - SP: Editora Antroposófica, 2004.

_____. **O mistério de Micael** (apostila) GA26. São Paulo – SP. Sociedade Antroposófica no Brasil. 1995.

_____. **A Prática Pedagógica**. GA 306. São Paulo: Antroposófica, 2000.

Wikipedia. **Sociedade Teosófica**. Disponível em:

<http://www.ippb.org.br/textos/especiais/mythos-editora/blavatsky-e-a-sociedade-teosofica>. Acesso em 25/05/2018.